

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JULIO DE MESQUITA FILHO” - UNESP

Câmpus Araraquara

INTRODUÇÃO AO ASPECTO VERBAL
DO GREGO ANTIGO

Araraquara - 2010

JEAN PAUL CAMPOS E SANT'ANNA

INTRODUÇÃO AO ASPECTO VERBAL DO GREGO ANTIGO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista UNESP - Câmpus de Araraquara, visando à obtenção do título de Mestre em Lingüística e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

Araraquara - 2010

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
LISTA DE QUADROS.....	6
RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
 1 INTRODUÇÃO AS ESTUDOS ASPECTUAIS	
1.1 Conceito de aspecto.....	12
1.2 Aspecto na antigüidade.....	15
1.2.1 Aristóteles.....	16
1.2.2 Estóicos.....	18
1.2.3 Dionísio Trácio.....	19
1.2.4 Varrão.....	21
 2 MORFOLOGIA VERBAL DO GREGO ANTIGO.....	23
2.1 Tempo.....	24
2.2 Modo.....	30
2.2.1 Indicativo.....	30
2.2.2 Subjuntivo.....	30
2.2.3 Optativo.....	32
2.2.4 Imperativo.....	32
2.3 Voz.....	33
2.3.1 Voz Ativa e Média.....	33
2.3.2 Voz Passiva.....	34
2.4 Aspecto.....	36
2.4.1 Radical Aspectual de Presente.....	37
2.4.2 Radical Aspectual de Perfeito.....	38
2.4.3 Radical Aspectual de Aoristo.....	38
2.5 Formas Nominais.....	39
2.5.1 Particípio.....	39
2.5.2 Infinitivo.....	40
2.6 Raízes Verbais.....	42
 3 CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA DOS VERBOS	
3.1 Vendler.....	43
3.1.1 Traços das categorias.....	44
3.2 Smith.....	45
3.3 Rothstein.....	46
 4 VALORES DOS RADICAIS ASPECTUAIS	
4.1 Radical Aspectual de Presente.....	50
4.2 Radical Aspectual de Aoristo.....	60
4.3 Radical Aspectual de Perfeito.....	68
 5 SISTEMATIZAÇÃO DO ASPECTO VERBAL DO GREGO ANTIGO	
5.1 Valores do Radical Aspectual de Presente.....	77
5.1.1 Presente + <i>Activities</i>	78
5.1.2 Presente + <i>States</i>	78

5.1.3 Presente + <i>Accomplishments</i>	79
5.1.4 Presente + <i>Achievements</i>	79
5.2 Valores do Radical Aspectual de Aoristo.....	80
5.2.1 Aoristo + <i>Accomplishments</i>	80
5.2.2 Aoristo + <i>Activities</i>	81
5.2.3 Aoristo + <i>Achievements</i>	81
5.2.4 Aoristo + <i>States</i>	82
5.3 Valores do Radical Aspectual de Perfeito.....	83
5.3.1 Perfeito + <i>States</i>	83
5.3.2 Perfeito + <i>Activities</i>	84
5.3.3 Perfeito + <i>Accomplishments</i>	83
5.3.4 Perfeito + <i>Achievements</i>	85
 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 86
 BIBLIOGRAFIA.....	 89
 ANEXO.....	 93

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que é a razão, o meio e o objetivo desse trabalho, pelo privilégio de conhecê-lo e pela honra de servi-lo com o que tenho. Obrigado Papai por presentear-me com a possibilidade de fazer o que eu tanto gosto que é estudar lingüística. Obrigado por colocar pessoas tão especiais no meu caminho, Senhor.

Agradeço especialmente à Jana, minha irmã caçula (presente de Deus), que é a principal “culpada” de eu ter chegado até aqui. Obrigado a Jana que tem o dom de me fazer sorrir.

Agradeço muito à minha avó, Dona Sebastiana, que sempre me apoiou, sustentou com toda paciência e bom humor. Se não fosse ela essa dissertação de Mestrado não existiria. Mais que isso, sem ela, eu nunca teria aprendido tanto sobre a vida. Dona Sebastiana é um exemplo de vida. Viver perto dela é um presente de Deus.

Agradeço ao Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, pela disposição em me orientar em um trabalho sobre um assunto tão diferente daqueles em que costuma trabalhar. Obrigado pelo voto de confiança, pelos puxões de orelha e pela oportunidade de trabalhar contigo.

Algumas pessoas foram colocadas por Deus no meu caminho para de diferentes formas abençoarem a minha vida e esse trabalho e de modo algum poderia deixar de agradecê-las: Celeste Dezotti, que me alfabetizou em grego e me iniciou no mundo da pesquisa; Jana Janu por sempre estar presente ainda que longe, o Grandão (Anderson Marcos Saraiva) que com enorme disponibilidade possibilitou a confecção desse trabalho, o Gustavinho e o Matheus Chamma que sempre puseram notas mais felizes na minha vida, a Nara e o Matheus Aguiar cujas vidas fizeram o Amor estar ao alcance das mãos, O Paulinho Aguiar (patrão) que ensinou que servir é muito melhor, o que fez com que esse trabalho tivesse muito mais sentido e o Jackson Azarias que me ensinou os caminhos do amor de Deus. A vocês minha eterna gratidão, sinto-me honrado por conhecê-los.

Agradeço ao CNPq pelo financiamento dessa pesquisa, sem o qual ela não se realizaria.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Classificação aristotélica.....	18
QUADRO 02 – Os morfemas e suas posições.....	24
QUADRO 03 – Os tempos.....	23
QUADRO 04 – Morfologia temporal.....	23
QUADRO 05 – Variação das vogais temáticas.....	27
QUADRO 06 – Desinências número/pessoa/temporais.....	28
QUADRO 07 – Os morfemas número/pessoa/temporais	29
QUADRO 08 – Futuro <i>versus</i> Aoristo.....	29
QUADRO 09 – Modo Imperativo.....	33
QUADRO 10 – Desinências ativas e médias.....	34
QUADRO 11 – Voz Passiva.....	35
QUADRO 12 – Distribuição dos Radicais Aspectuais.....	54

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo a categoria aspect no Grego Antigo. Aspecto é tipicamente uma característica semântica e morfológica dos verbos das línguas naturais onde ocorre, como em Grego Antigo. Semanticamente mostra como eventos são especificados em relação ao tempo nas sentenças. Do ponto de vista morfológico, aspecto é um morfema adicionado a certas formas verbais como o presente, perfeito, o aoristo e o futuro. Esta dissertação apresenta a estrutura morfológica dos verbos do Grego Antigo, a fim de mostrar como o valor aspectual é associado aos morfemas. Em relação à literatura, a noção de aspecto está presente em gramáticas e em trabalhos específicos de linguistas. Uma revisão das principais idéias é apresentada e discutida. Assumi-se que o valor aspectual nos verbos é uma marca morfológica que depende dos valores expressos pelo lexema verbal. Novos trabalhos sobre este tema trazem novas visões não só sobre a definição de aspecto, como também sobre análises de sua ocorrências nas línguas naturais, incluindo uma revisão sobre a tradicional interpretação do aspecto em Grego Antigo. Esta dissertação detecta alguns problemas remanescentes e traz possíveis soluções para eles. Desta forma, esta dissertação afirma que nos verbos do Grego Antigo os elementos que definem o valor aspectual são morfolologicamente determinados por morfemas verbais especiais, mas deve-se levar em conta o as classes aspectuais que se enquadram os lexemas verbais em questão. Somente quando ambos os elementos são considerados, é possível atribuir o valor aspectual de uma sentença.

Palavras-chaves: Aspecto Verbal, Grego Antigo, Semântica, Morfologia .

ABSTRACT

This dissertation focuses on the category of aspect in Ancient Greek. Aspects is typically a semantic and morphological characteristic of verbs in the languages where it occurs, as in Ancient Greek. Semantically it is related to how time is considered in the discourse. It shows how events are specified in relation to time in sentences. From the morphological point of view, aspect is as morphological morpheme aggregated to certain verbal forms such as present, perfect, aorist and future. The dissertation presents the morphological structure of Ancient Greek verbs, to show how the aspectual meaning is associated to morphemes. In relation to the literature, the notion of aspect is presented in grammars and in specific works by linguists. A review of the principal ideas is presented and discussed. It is assumed that the aspectual meaning in verbs is a morphological mark, but it also depends on the meaning conveyed by the lexemes. New works on the subject brought new insights not only on the definition of aspect, but also in the analysis of its occurrence in languages, including a review of the traditional interpretation of aspect in Ancient Greek. This dissertation detected some remaining problems and it brings possible solutions. In this way, this dissertation states that in Ancient Greek verbs the elements that define the aspectual meaning are morphologically determined by special verbal morphemes, but it is also important to take into account the semantic meaning of the lexemes. Only when both elements are considered, it is possible to assign the aspectual meaning to a sentence.

keywords: Verbal aspect, Ancient Greek, Semantics, Morphology.

INTRODUÇÃO

Desde os primeiros contatos com a noção aspectual, proporcionadas pelas aulas de grego antigo na graduação, o funcionamento dessa categoria na língua em questão gerou um interesse por uma compreensão mais profunda do funcionamento de tal categoria e do papel que os verbos desempenhavam quanto ao valor aspectual da sentença. Nas aulas citadas falava-se de uma distinção fundamental para a compreensão dos textos dos antigos helenos: a oposição pontual *versus* durativo. Os manuais de língua grega aos quais se tinha acesso atribuíam valores de aspecto pontual e de aspecto durativo respectivamente ao aoristo e ao presente e suas formas derivadas. O fato de o grego antigo apresentar marcação morfológica para aspecto fez com que comparações fossem feitas com o português, que aparentemente marcava aspecto predominantemente por meio de recursos sintáticos e pragmáticos-discursivos, o que levou a questionamentos sobre quais seriam as maneiras mais eficazes de traduzir o aspecto verbal do grego antigo para o português.

Foi a partir destes questionamentos que nasceu a pesquisa que gerou o trabalho que aqui se apresenta. Tomem-se as sentenças abaixo que ilustram o modelo aspectual apresentado nas aulas iniciais de grego antigo da graduação, a fim de que fique mais evidente qual o ponto de partida desta investigação:

- (1) ἔλεγον τήν ἀλήθεια
 élégon té:n alé:theia
 (3ªp.s. Imperf.) a verdade (Acus.)
 “falava a verdade”

- (2) ἔλεξα τήν ἀλήθεια
 éleksa té:n alé:theia
 (3ªp.s. Aor.) a verdade (Acus.)

“falei a verdade”

Em 1 temos uma sentença em que o verbo *lego*: “falar” aparece no imperfeito, forma derivada do presente; em 2 tem-se o mesmo verbo *lego*: “falar”, porém desta vez o verbo está flexionado no aoristo. A sentença 1 atribuía-se o valor de aspecto durativo, a sentença 2 atribuía-se o valor de aspecto pontual.

O contato com textos originais em Grego Antigo (de agora em diante GA) só fez crescer o interesse pelas questões que envolvem a noção aspectual, pois o cotejar-se o texto grego com traduções para o português e para outras línguas verificou-se que apenas a distinção Presente *versus* Aoristo era insuficiente para a classificação dos valores aspectuais expressos pelos verbos do GA. Os valores aspectuais atribuídos ao Presente e ao Aoristo por vezes demonstraram-se pouco satisfatórios frente às análises dos textos, já que a atribuição de tais valores para os verbos eram incoerentes com a sentença em que se encontravam tais verbos.

As análises levaram a questionamentos sobre o enquadramento do perfeito no par durativo *versus* pontual e, conseqüentemente, surgiram questionamentos sobre a pertinência da adoção do par dicotômico durativo *versus* pontual como únicos valores aspectuais expressos pela morfologia grega. O caminho a ser seguido então foi o de buscar compreender o sistema verbal do grego antigo pela lente da noção aspectual, que é o objetivo principal deste trabalho.

A fim de compreender o funcionamento do sistema aspectual do verbo grego, procurou-se entender a relação entre a morfologia aspectual e a morfologia temporal nesses verbos, buscando delimitar de forma satisfatória os limites formais dessas duas categorias. A morfologia do verbo grego e as questões pertinentes a diferenças morfológicas entre o tempo e o aspecto nestes são expostas no segundo capítulo.

A classificação semântica dos verbos segundo critérios aspectuais é apresentada num brevíssimo panorama que parte de Vendler e chega às propostas mais aceitas pela linguística

moderna. Esse panorama e as discussões sobre as classificações semânticas dos verbos em classes aspectuais são apresentados no terceiro capítulo.

O quarto capítulo reserva-se à discussão dos valores aspectuais dos radicais aspectuais do verbo do GA, bem como sua co-ocorrência com diferentes tipos de verbos segundo a classificação semântica apresentada no capítulo anterior. Esse capítulo se divide em três grandes seções que versam sobre os valores do radical aspectual de presente, de aoristo e de perfeito. Nestas seções discutem-se as propostas de valor aspectual do verbo do GA apresentadas pela literatura lingüística.

Oferece-se, pois, uma sistematização do funcionamento do aspecto verbal do GA no quinto capítulo. Lá cada uma das possibilidades de co-ocorrência dos radicais aspectuais com as classes aspectuais são apresentadas, devidamente ilustradas com sentenças exemplares e propõe-se uma definição do valor aspectual do verbo em questão. Esse capítulo é seguido pelo sexto e último em que são apresentadas as considerações finais sobre a pesquisa aqui apresentada.

1 INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS ASPECTUAIS

Esta sessão se presta a discutir os principais conceitos de aspecto tanto na visão da linguística contemporânea bem como na visão de filósofos e gramáticos da antiguidade. Na primeira parte é apresentado o conceito moderno de aspecto e na segunda o conceito da antiguidade.

1.1 CONCEITO DE ASPECTO

Existem várias definições de aspecto e pode-se verificar facilmente esse fato ao tomar-se textos sobre esse assunto. Essas definições são resultados de diversos olhares, ora mais, ora menos cuidadosos sobre o aspecto em diferentes línguas naturais. Cada uma das definições está estritamente amarrada ao conceito de língua em que se insere o trabalho em questão. Algumas dessas definições auxiliarão na discussão do que vem a ser o objeto de nosso trabalho: o aspecto.

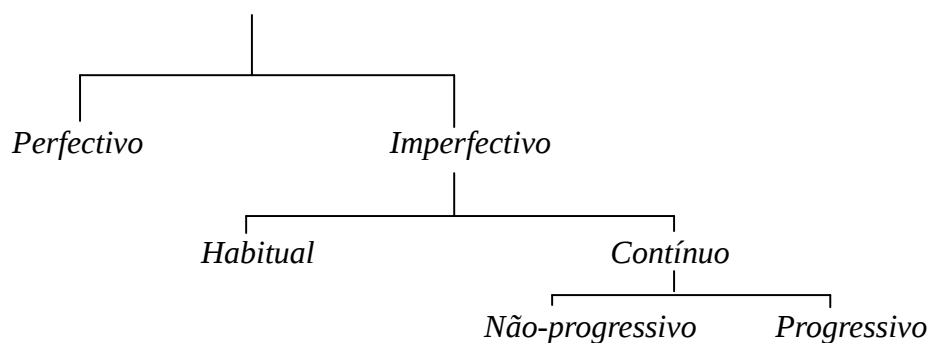
Comrie (1976) que escreveu um dos principais estudos sobre aspecto nas línguas naturais define aspecto nos dois trechos a seguir: “aspectos são diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna de uma situação” (COMRIE, 1976, p.3) e “aspecto não é concernente à relação do tempo de uma situação a qualquer outro ponto no tempo, mas sim com a constituição temporal interna de uma situação” (COMRIE, 1976, p.5). Ou seja, aspecto é a constituição temporal interna da ação, frente ao tempo que é externo à ação, uma vez que localiza a ação em uma linha em que a ação está inserida e estabelece relações entre este e outros pontos na linha o tempo. Essa afirmação de Comrie apresenta uma distinção fundamental para os estudos aspectuais: aspecto e tempo são categorias distintas, que costumam trabalhar juntas, porém não devem ser confundidas.

Para o autor, há duas classes fundamentais que se opõem dentro da noção de aspecto: aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo, que segundo ele podem ser explicados como:

Outra maneira de demonstrar a diferença entre valor *perfectivo* e *imperfectivo* é dizer que o perfectivo olha para situação de fora, sem necessariamente distinguir algo da estrutura interna da situação, por outro lado o imperfectivo olha para a situação de dentro, assim sendo está diretamente relacionado à estrutura interna da situação, já que pode olhar tanto para o início quanto para o fim da situação, e na verdade são igualmente apropriados se a situação é uma que dura por todo o tempo sem início ou fim.¹

Há diversas maneiras de se visualizar uma situação, conseqüentemente há subdivisões para os diferentes tipos de aspectos. As subdivisões apresentadas no esquema abaixo são baseadas em traços opositivos propostos por Comrie (1976), nele apresenta-se as subespecificações das categorias aspectuais:

Classificação das oposições aspectuais²



Guillaume já havia, anteriormente a Comrie, proposto a seguinte definição:

O aspecto é uma forma que, no próprio sistema do verbo, denota uma oposição transcendente a todas as outras oposições do sistema e capaz em si

¹ COMRIE, 1976, p.4.

² COMRIE, 1976, p.25.

mesma de integrar-se a algum dos termos entre aqueles que marcam todas as oposições.³

O aspecto é no sistema do verbo uma distinção que, sem romper a unidade semântica de seu valor, o divide em muitos termos diferenciados, igualmente aptos a conter na conjugação a marca do modo e do tempo.⁴

Notemos que na primeira definição, aspecto é tratado como uma categoria verbal. Comrie observou em várias línguas que os traços aspectuais podem ser marcados por diferentes recursos lingüísticos que podem envolver tanto a morfologia verbal, conforme Guillaume apresenta no primeiro trecho, quanto mecanismos sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Castilho (1966) apresenta, na obra pioneira sobre o aspecto verbal na língua portuguesa, sua definição de aspecto quando escreve: “aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração e desenvolvimento. É a representação espacial do processo” (1966, p.41)

Segundo Borba (1971), aspecto é:

Modo de ser da ação verbal. Diz respeito à relação entre a ação verbal e sua duração ou desenvolvimento. Representa uma atualização espacial e quantitativa do processo. A noção de aspecto é mais objetiva do que a de tempo. Em muitas línguas (ex. as semíticas) a conjugação é regida pelo aspecto e não pelo tempo.⁵

Destaca-se que Borba (1971) considera como aspecto duas coisas diferentes, conforme exposto no trecho “diz respeito à relação entre a ação verbal e sua duração ou desenvolvimento” (BORBA, 1971, p.34). Ele considera o tipo de ação, como ação de início ou ação repetitiva, como nos exemplos apresentados abaixo do trecho que destacamos. Aliado a ação verbal ele considera a noção de duração – e conseqüentemente a não duração – da ação

³ GUILLAUME, 1929, p.109.

⁴ GUILLAUME, 1963, p.46.

⁵ BORBA, 1971, p.34

expressa pelo verbo. Vejamos que a partir da conjugação desses dois valores ele propõe para o português uma lista de possibilidades de valor aspectual.

O conceito que está por trás da noção nomeada por Borba como *tipo de ação* é o que se convencionou chamar de *Aktionsart*⁶ termo alemão que pode ser traduzido como “tipo de ação”, ou seja, as propriedades semânticas da ação, independente de duração ou não que as distinguem, como ação inicial, ação causativa, dentre outros. A lista de tipos de ação ou *Aktionsart* pode chegar a quase trinta, conforme alguns autores⁷. A discussão sobre *Aktionsart* e quais desses traços são considerados nesse trabalho se dará nos próximos capítulos.

Segundo Rothstein (2003) “aspecto é concernente às propriedades estruturais do evento em si mesmo”.⁸ Em Rothstein (2003) há uma diferenciação entre aspecto gramatical e aspecto lexical. Aspecto lexical é por ela definido no trecho: “cobre distinções entre propriedades de tipos de eventos denotados por expressões verbais, que linguistas tem tentado capturar por meio da classificação dos verbos em classes.”⁹

1.2 ASPECTO NA ANTIGUIDADE

O surgimento da noção aspectual é muito antiga, remonta à antiguidade. Muito antes de o próprio termo aspecto ser cunhado por Agrell, no início do século XX, já havia se falado bastante dessa categoria lingüística. Apresentaremos nessa seção um pouco da visão que a

⁶ O termo foi cunhado por Agrell em 1908, para diferenciar os traços estritamente morfológicos *Aspect*, de traços semânticos *Aktionart*.

⁷ cf. AGRELL, 1908.

⁸ ROTHSTEIN, 2004, p.1. Os critérios estabelecidos por Rothstein para a determinação das propriedades estruturais do evento serão discutidos na sessão “Classificação semântica dos verbos”.

⁹ ROTHSTEIN, 2004, p.1.

antiguidade tinha sobre o aspecto, em especial aquelas que têm ligação direta com a interpretação moderna dessa noção aplicada ao grego antigo.

1.2.1 ARISTÓTELES

Aristóteles é talvez o pioneiro no campo dos estudos aspectuais. Em sua obra *Metafísica*, mais especificamente no livro IX, 1048, o autor apresenta uma discussão dos tipos de eventualidades que ocorrem no mundo real. Ele propõe, a partir desta discussão ontológica, uma classificação das eventualidades¹⁰. Aristóteles classifica as eventualidades como sendo de dois tipos os *estados* e os *processos*. Os *processos* são subdivididos em: *movimentos* (kínesis) e *atividades* (energéia) conforme o trecho abaixo:

Dado que das ações que têm um termo nenhuma é um fim por si, mas todas tendem a alcançar o fim como, por exemplo, o emagrecimento tem por fim a magreza; e, dado que os corpos, quando emagrecem, estão em movimento em direção ao fim, ou seja, não são aquilo em vista do que ocorre o movimento, segue-se que estas não são ações, pelo menos não são ações perfeitas, justamente porque não são fins. Ao contrário, o movimento no qual já está contido o fim é uma ação. Por exemplo, ao mesmo tempo alguém vê e viu, conhece e conheceu, pensa e pensou, enquanto não pode estar aprendendo e ter aprendido, nem estar se curando e ter-se curado. Alguém vive bem quando já tenha vivido bem, é feliz quando já tenha sido feliz. Se não fosse assim, seria preciso existir um termo final, como ocorre quando alguém emagrece: nos casos citados, ao contrário, não existe termo final: ao mesmo tempo se vive e se viveu. Dentre esses processos, os primeiros serão chamados movimentos, enquanto os segundos serão chamados atividades.¹¹

¹⁰ Emprega-se o termo eventualidade neste trabalho, como referência geral, não específica, às ações e estados expressos por verbos. O emprego deste termo contrapõe o emprego do termo evento, que se refere a um tipo específico de eventualidade. Este uso dos termos eventualidade e evento está em consonância com o emprego adotado por Chierchia (2003), que escreve: “mediante o termo **eventualidade**, referindo-se a qualquer classe acional, adotando uma convenção que remonta a Bach (1986). O termo *evento* acabará tendo um sentido técnico mais específico”. Evento é aqui entendido como o tipo de eventualidade que se opõe aos estados.

¹¹ ARISTÓTELES, *Metafísica*, Livro IX, 8, 1048-b (tradução de Giovanni Reale).

Note-se que Aristóteles discute nesse trecho a classificação das “ações” com base no critério de telicidade, ou seja, da presença ou não de um *télos* natural nesses acontecimentos do mundo. Aristóteles forma um grupo de acontecimentos que visam a um *télos*, como é o caso de “emagrecer”, “construir”, ações por ele classificadas como Movimentos. Por outro lado Aristóteles utiliza-se do mesmo critério, a telicidade, para destacar “ações” que não possuem um *télos* natural, ou seja, que não visam necessariamente um ponto final, como é o caso de “ver”, e de “pensar” que são classificados por ele como Atividades.

Verifica-se também que Aristóteles atribui a certos acontecimentos de mundo um ponto final inerente, um *télos*, que a semântica moderna não atribui aos verbos que o representam, como é o caso do verbo “andar” ao qual no trecho abaixo fica evidente que Aristóteles atribui um *télos*. Essa classificação dos acontecimentos de mundo em conflito com a classificação semântica dos verbos adotada pela lingüística moderna evidencia-se no trecho abaixo:

De fato, todo movimento é imperfeito: por exemplo o processo de emagrecer, de aprender, de caminhar, de construir. Esses processos são movimentos e são claramente imperfeitos: não é possível que alguém caminhe e já tenha caminhado no mesmo momento, nem que, no mesmo momento, construa e já tenha construído, advenha e já tenha advindo, receba movimento e já o tenha recebido, pois essas coisas são diferentes. Ao contrário, alguém viu e vê ao mesmo tempo, e, também, pensa e pensou. Chamamos, portanto, atividade esse último tipo de processo e movimento o outro.¹²

Ainda que haja divergências entre a classificação que Aristóteles propôs para os acontecimentos do mundo e a classificação adotada pela semântica moderna para os VPs das línguas naturais, a contribuição aristotélica para os estudos modernos é inegável, haja vista que a noção fundamental de oposição entre estados e processos é até hoje plenamente aceita nos estudos lingüísticos.

¹² ARISTÓTELES, *Metafísica*, Livro IX, 8, 1048-b (tradução de Giovanni Reale).

Chierchia (2003) comentando a classificação aristotélica, em especial a distinção entre estados e processos, escreve que “intuitivamente, os estados não são alguma coisa que ‘acontece’, mas alguma coisa que ‘subsiste’ ” (CHIERCHIA, 2003, p.493)

A classificação aristotélica das eventualidades pode ser vista no quadro abaixo:

QUADRO 01 - Classificação Aristotélica

Estados	Processos	
	Movimentos <i>kíne:sis</i>	Atividades <i>energeía</i>

1.2.2 ESTÓICOS

Neves (2005) apresenta um breve relato do pensamento dos estóicos sobre a categoria aspecto quando escreve:

Os estóicos reconheceram o valor aspectual das formas verbais gregas. Sua doutrina dos tempos (BEKKER, 1965, p. 891-2) estabelece quatro tempos verbais no pleno sentido, com dois valores temporais e dois valores aspectuais. A combinação dos dois critérios – tempo e aspecto – e a bipartição segundo cada um dos critérios (tempo: presente e passado; aspecto: durativo e completado) levam a uma divisão em quatro, atribuindo-se a cada um dos quatro tipos um nome duplo: *presente durativo* (ou imperfeito) – *enestós paratatikós* (ou *atéles*) é o presente; *presente completado* – *enestós syntelikós* (ou *téleios*) é o perfeito; *passado durativo* (ou imperfeito) – *paroikheménos paratatikós* (ou *atelés*) é o imperfeito; *passado completado* – *paraikheménos syntelikós* (ou *teleiós*) é o mais-que-perfeito.¹³

¹³ NEVES, 2005, p.207-8.

Os estóicos (séc II a.C.), ao analisarem os tempos verbais do grego e seus respectivos radicais, conferiram a eles nomes que marcavam traços extra temporais denotados por cada um desses radicais. Assim, dividiram os tempos em dois grandes grupos: determinados, *horisménoi*, e o indeterminado, *aóristoi*. O grupo dos *aóristoi*, é composto pelo aoristo e pelo futuro. Outro grupo é formado pelo presente, pelo imperfeito e pelo perfeito, esse grupo recebe o nome de grupo dos *horisménoi*. Neves (2005) explica que os estóicos ainda subdividiram os determinados em dois subgrupos: presente, *enestôs paratikós*, e imperfeito, *parakheménos paratatikós*, juntos formavam o subgrupo dos duradouros, em desenvolvimento, estendidos, em que essa noção é expressa pela palavra *paratatikós* que vem do verbo *parateíno* “estender, desenvolver, durar”; o perfeito, *enestôs sintelikós*, traz consigo a idéia de “acabar, cumprir” expressa no verbo *synteléo*.

Verifica-se que já no século II a.C. a categoria aspecto era reconhecida como categoria complexa em que o papel da morfologia, em especial dos radicais aspectuais, era destacado. A classificação com destaque para a nomenclatura atribuída pelos Estóicos, conforme demonstrada em Neves (2005) demonstra com clareza a atribuição de valores aspectuais bem definidos para cada radical aspectual e a distinção entre a categoria tempo e a categoria aspecto feita por estes filósofos.

1.2.3 DIONÍSIO TRÁCIO (I a.C.)

Em sua *Arte da gramática* 13, Dionísio comenta sobre a relação aspecto – tempo no sistema verbal do GA. Ele escreve são três os tempos verbais da língua dos antigos helenos e

relaciona-os com seus pares quanto ao aspecto, uma vez que propõe grupos compostos por presente e imperfeito (imperfectivos), perfeito e mais que perfeito (perfectivos), aoristo e futuro (indeterminados). Abaixo segue o trecho em que escreve sobre o aspecto e sua relação com o tempo:

“Quanto ao verbo há três tempos: presente, passado e futuro. O passado possui quatro divisões: imperfeito, perfeito, mais que perfeito e aoristo; e há [quanto aos verbos] três grupos da mesma natureza: presente e imperfeito, perfeito e mais que perfeito, aoristo e futuro.”¹⁴

Note-se que há dois critérios que poderiam embasar a classificação em grupos dos verbos do GA. O critério morfológico pode ser destacado pelo fato de que os membros de cada grupo compartilham do mesmo radical aspectual. Por outro lado o critério aspectual parece ser o norte das reflexões de Dionísio pois a discussão parece ser do valor de cada grupo assim como quando o texto se refere aos tipos de passado que são quatro, ou seja, são quatro os valores aspectuais para o tempo passado.

Neves (2005) concorda com a tese de que a classificação dos verbos em grupos se fundamenta no aspecto e destaca a divergência entre Dionísio e os Estóicos quando ao modelo aspectual, conforme o trecho seguinte:

Dionísio observa a relação aspectual que existe entre o presente e o imperfeito (durativos), o perfeito e o mais-que-perfeito (completados), o aoristo e o futuro (indeterminados) (§13). Entretanto, só para o passado há a atribuição de nomes que indicam aspecto. Assim, contra o presente e o futuro, não especificados quanto ao aspecto, alinham-se os quatro tipos em que, segundo o aspecto, se subdivide o passado. Já não governa a bipartição inicial estóica das formas verbais em *determinadas* e *indeterminadas*. Entre os quatro tipos de passado, um é indeterminado (quanto ao tempo) e os outros três se classificam quanto à oposição entre duração e perfeição (quanto ao aspecto).¹⁵

¹⁴ DIONÍSIO, *Arte da gramática*, 13. Tradução nossa do trecho: περὶ ῥήματός χρόνοι τρεῖς, ἐνεστώς παρεληλυθώς, μέλλον. τούτων παρεληλυθώς ἔχει διαφορὰς τέσσαράς, παρατατικόν, παρακείμενον, ὑπερσυντελικόν, ἀόριστον, ὧν συγγένειαι τρεῖς, ἐνεστώτος πρὸς παρατατικόν, παρακείμενου πρὸς ὑπερσυντελικόν, ἀόριστου πρὸς μέλλοντα.

¹⁵ NEVES, 2005, p. 209-10.

1.2.5 VARRÃO

Varrão (116-27 a.C.), que figura entre os principais gramáticos latinos, defende a existência de marcação morfológica de aspecto nos verbos do Latim. Em seu *De Língua Latina*, chama a atenção quando, na seção IX, divide os verbos latinos em *tempora infecta* e *tempora perfecta*, ou seja, valendo-se de características extra-temporais, propõe dividir os chamados *temas temporais*¹⁶ em radicais que denotam duração *tempora infecta*, e em radicais que denotam não duração *tempora perfecta*.

Segue o texto de Varrão onde ele discorre sobre o aspecto:

Do mesmo modo, censuram-nos porque dizemos *amor* (sou amado), *amabor* (serei amado), *amatus sum* (fui amado), pois não deveria haver um verbo duplo em uma mesma série, enquanto há dois simples. Ainda que, a partir da divisão, disponhas as palavras de modo único, não haverá discrepância entre elas, pois todas as formas imperfeitas simples são semelhantes e as perfeitas duplas são pares entre si em todas as formas verbais, como estas: *amabar* (era amado) *amor* (sou amado), *amabor* (serei amado), *amatus eram* (fora amado), *amatus sum* (fui amado), *amatus ero* (terei sido amado).^{17 18}

A adoção da classificação aspectual proposta por Varrão para o verbo latino e sua aplicação à outras línguas por parte de gramáticos posteriores desencadeou uma certa confusão nos estudos aspectuais, conforme destaca Godoy (1992):

Mas por um “acidente histórico”, os alexandrinos e a tradição greco-latina influenciaram (e as vezes distorceram) as análises gramaticais, introduzindo os termos “perfeito” e “imperfeito” – que não são outra coisa que as traduções dos termos latinos *perfectum* “completo” e *infectum* “incompleto” - para dar conta das diferenças semânticas das formas verbais. O resultado desta “história lingüística” é a confusão entre os conceitos de passado,

¹⁶ O termo *temas temporais*, largamente empregado em manuais de línguas clássicas, recebe nesse trabalho a denominação: *radicais aspectuais*.

¹⁷ VARRO, *De Lingua Latina*, Livro IX, LIV, 97. Tradução de Paulo Eduardo Barros Veiga.

¹⁸ O texto original é: *item illos qui reprehendunt, quod dicamus amor amabor amatus sum: non enim debuisse in una serie unum verbum esse duplex, cum duo simplicia essent. Neque ex divisione si unius modi ponas verba, discrepant inter se: nam infecta omnia simplicia similia sunt, et perfecta duplicia inter se paria in omnibus verbis, ut haec amabar amor amabor, amatus <eram amatus sum amatus> erro.*

presente e futuro, por um lado, o perfeito e o imperfeito, por outro, e ainda entre tempo e aspecto para todas essas formas temporais.¹⁹

¹⁹ GODOI, 1992, p.15.

2. MORFOLOGIA DO VERBO GREGO

Pretende-se nessa seção apresentar um panorama sobre o sistema verbal do Grego Antigo e suas implicações na composição do valor aspectual das sentenças. Este texto não é de caráter exaustivo, mas sim apenas um panorama geral sobre a morfologia do verbo grego a fim de propiciar ao leitor subsídios necessários para a compreensão do aspecto como categoria linguística do verbo grego.

O verbo grego apresenta marcas morfológicas para as categorias tempo, modo, aspecto, voz, número, pessoa. A função, a composição e a distribuição de cada uma destas marcas morfológicas, bem como de outros elementos que compõe o verbo do GA serão apresentadas nas seções seguintes.

São dois os tipos de verbo em GA: os terminados em $-\omega$ e os terminados em $-\mu\iota$. Os verbos de segunda conjugação, terminados em $-\mu\iota$, representam uma parte pequena dos verbos gregos e boa parte desse tipo de verbo é irregular. Os verbos de primeira conjugação, terminados em $-\omega$, em geral regulares, são utilizados nos exemplos desse capítulo para nossas discussões, ainda que os verbos de segunda conjugação sigam o mesmo sistema aqui apresentado. A opção pelos verbos de primeira conjugação para os exemplos em detrimento dos de segunda conjugação justifica-se pelo fato de a maioria destes verbos serem irregulares ao contrário daqueles que são em sua maioria regulares. Assim sendo acredita-se que os exemplos com verbos irregulares não demonstrariam com tanta clareza os pontos a serem discutidos.

Os elementos que compõe o verbo grego são: aumento, redobro, morfema lexical, morfema de voz, morfema aspectual, vogal temática, morfema de modo e morfema número/pessoa/temporal. As posições ocupadas por esses elementos no verbo grego são mostradas no quadro abaixo:

QUADRO 02 – Morfemas e suas Posições

Morfemas e suas posições								
	1	2	3	4	5	6	7	8
	aumento	redobro	Morfema Lexical	Morfema de Voz	Morfema Aspectual	Vogal temática	Morfema de Modo	Morfema Número/ Pessoa/ Temporal
1ª p.s Presente Indicativo			ly					o:
1ª p.pl MqPerfeito Indicativo	e	le	ly		k	ei		men
1ª p.pl Perfeito Subjuntivo		le	ly		k		o:	men
Voz Média 1ª p.pl MqPerfeito Indicativo	e	le	ly					metha
Voz Passiva 1ª p.pl Futuro Indicativo			ly	the	s	o		metha

São oito as posições em que se distribuem os elementos que compõem o verbo do GA.

Estes elementos ocupam posições fixas e obedecem distribuições segundo as categorias a que se relacionam. Discutir-se-á nas seções seguintes o comportamento dos morfemas em cada uma das categorias verbais do GA.

2.1 TEMPO

O GA apresenta seis tempos, quais sejam: Presente, Imperfeito, Futuro, Aoristo, Perfeito e Mais que Perfeito²⁰. Pode-se ver no quadro abaixo a primeira pessoa do singular de cada um dos tempos do GA:

²⁰ Há ainda em Grego Antigo um tempo chamado Futuro Perfeito (ou Futuro Anterior) que existe exclusivamente na voz passiva. São raras as ocorrências desse tempo em textos.

QUADRO 03 – Os tempos

Presente	Imperfeito	Futuro	Aoristo	Perfeito	MqPerfeito
λύω	ἔλυον	λύσω	ἔλυσα	λέλυκα	ἐλελύκειν
lýo:	élyon	lýso:	élysa	lélyka	eelélykein

Os elementos morfológicos que compõe cada um dos tempos verbais do GA são demonstrados no quadro abaixo:

QUADRO 04 – Morfologia Temporal do GA

Morfologia temporal do GA							
Tempo	Aumento	Redobro	Morfema Lexical	Morfema Aspectual	Morfema Modal	Vogal Temática	Morfema N°/pessoa/temporal
Presente			ly				o:
Imperfeito	e		ly				on
Futuro			ly	s			o:
Aoristo	e		ly	s			a
Perfeito		le	ly	k			a
MqPerfeito	e	le	ly	k			ein

Aumento é um morfema temporal que denota passado e que ocupa a posição um. Ele ocorre no modo Indicativo em todos os tempos passados do GA com exceção de um: o Perfeito. Em outros modos não há ocorrência do aumento.

Redobro ocorre no Perfeito e no Mais que Perfeito, sempre em co-ocorrência com o morfema aspectual -k-. O redobro e o morfema aspectual -k- são as duas partes de um morfema descontínuo ao qual se dá o nome de “morfema de perfeito”.

Vogal temática ocorre na posição sete, após o morfema aspectual e antes do de modo e do morfema número/pessoa/temporal. Sua ocorrência está ligada ao fato de o morfema número/pessoa/temporal iniciar-se ou não por consoante. Nos casos em que este morfema inicia-se por consoante há a ocorrência de vogal temática, quanto este se inicia por vogal não há ocorrência da vogal temática. Isto pode ser observado nos exemplos:

ἐλύομεν

ely-o-men (1ª p.pl Imperfeito)

ἔλυε

ely-ø-e (3ª p.s Imperfeito)

As vogais temáticas variam segundo a variação dos morfemas número/pessoa/temporais. O critério nesse caso é que, em cada um dos tempos, a vogal do morfema de 1ª pessoa do singular será determina qual a vogal temática da 1ª pessoa do plural, a vogal do morfema de 2ª pessoa do singular determina a vogal da 2ª pessoa do plural. Na 3ª pessoa do plural a vogal temática, quando ocorrer, será a mesma da 1ª pessoa do plural. Essa variação está em destaque no quadro abaixo em que são apresentadas as vogais temáticas e os morfemas número/pessoa/temporais dos tempos do GA.

QUADRO 05 – Variação das vogais temáticas

Variação das vogais temáticas					
Presente	Imperfeito	Futuro	Aoristo	Perfeito	MqPerfeito
ø-o:	ø-on	ø-o:	ø-a	ø-a	ø-ein
ø-eis	ø-es	ø-eis	ø-as	ø-as	ø-eis
ø-ei	ø-e(n)	ø-ei	ø-e(n)	ø-e(n)	ø-ei(n)
o-men	o-men	o-men	-a-men	-a-men	ei-men
e-te	e-te	e-te	-a-te	-a-te	ei-te
ou-si(n)	ø-on	ou-si(n)	ø-an	a-si(n)	e-san

Há dois grupos de morfema número/pessoa/temporal nos verbos em GA. O critério de ocorrência destes morfemas baseia-se em uma distribuição complementar de natureza temporal. O grupo I co-ocorre com o Presente, Imperfeito, Futuro e Mais que Perfeito e o grupo dois co-ocorre com o Aoristo e o Perfeito.

No quadro abaixo apresentamos os dois grupos de morfemas número/pessoa/temporais juntamente com as vogais temáticas que os acompanham, a fim de que as diferenças entre os dois grupos fique evidente também no plural. Ao conjunto vogal temática + morfema número/pessoa/temporal dá-se o nome de desinência número/pessoa/temporal.

QUADRO 06 – Desinências Número/Pessoa/temporais

Desinências número/pessoa/temporais	
Grupo I	Grupo II
-o:	-a
-eis	-as
-ei	-e
-o-men	-a-men
-e-te	-a-te
-ou-sin	-an

Os morfemas número/pessoa/temporais, acompanhados das respectivas vogais temáticas, ficam assim distribuídos nos tempos em GA:

QUADRO 07 – Morfemas Número/Pessoa/Temporais

Morfemas número/pessoa/temporais					
Grupo I				Grupo II	
Presente	Futuro	MqPerfeito	Imperfeito	Aoristo	Perfeito
-o:	-o:	-ein	-on	-a	-a
-eis	-eis	-eis	-es	-as	-as
-ei	-ei	-ei(n)	-e(n)	-e(n)	-e(n)
o-men	o-men	ei-men	o-men	-a-men	-a-men
e-te	e-te	ei-te	e-te	-a-te	-a-te
ou-si(n)	ou-si(n)	e-san	-on	-an	a-si(n)

O quadro acima mostra que há variações nos morfemas quando comparados com seus pares do mesmo grupo. Ao se comparar o morfema de 1ª pessoa do singular dos quatro tempos que compõe o Grupo I, verifica-se que há três alomorfes do morfema de 1ª pessoa do singular. As razões que geram essa alomorfia e que, conseqüentemente, geram a variação das vogais temáticas, ainda carecem de uma explicação. Este trabalho não abordará essas questões em decorrência delas não serem significativas dentro da discussão do aspecto verbal, objeto desta pesquisa.

A distribuição complementar dos morfemas número/pessoa/temporais segundo critérios temporais fica evidente ao compararmos dois tempos do Modo Optativo: o Futuro e o Aoristo. Como fora do Indicativo não há ocorrência de Aumento, nos outros modos esses dois tempos diferenciam-se apenas pelas desinências número/pessoa/temporais como mostra o quadro abaixo:

QUADRO 08 – Futuro versus Aoristo

Desinências número/pessoa/temporais	
Futuro	Aoristo
lys-oimi	lys-aimi
lys-ois	lys-ais
lys-oi	lys-ai
lys-oi-men	lys-ai-men
lys-oi-te	lys-ai-te
lys-oi-en	lys-ei-an

2.2 MODO

Há em GA quatro modos: Indicativo, Subjuntivo, Imperativo e Optativo. Esses modos distinguem-se morfológicamente e essa distinção se dá na posição 7 do verbo.

2.2.1 Modo Indicativo

O morfema modal que caracteriza o modo Indicativo é o morfema zero. A ocorrência deste morfema na sétima posição denota o modo indicativo. A configuração do verbo no indicativo pode ser vista nos exemplos abaixo.

λύει

ly- ø -ei

Morfema lexical - morfema modal - morfema n°/pessoa/temporal (3ªp.s Indicativo)

λύομεν

ly-o- ø -men

Morfema lexical - morfema modal - morfema n°/pessoa/temporal (1ªp.pl Indicativo)

2.2.2 Modo Subjuntivo

O Modo Subjuntivo caracteriza-se morfológicamente pela ocorrência de alongamento da primeira vogal da desinência número/pessoa/temporal. O alongamento ocorre no morfema número/pessoa/temporal ou na vogal temática, segundo o critério de proximidade: o alongamento ocorre na vogal imediatamente seguinte ao morfema aspectual. Exemplo:

λύει Indicativo

lý-ei

λύη Subjuntivo

ly-**e**:i (alongamento no morfema n°/pessoa/temporal)

λύομεν Indicativo

lý-omen

λύωμεν Subjuntivo

ly-**o**:men (alongamento na vogal temática)

O alongamento ocorre pela adição de uma vogal na posição de número 7. Essa vogal, que é sempre igual à vogal que sofrerá o processo de alongamento, sofre fusão com esta originando assim uma vogal longa.

λυ- ε -ει > λυ-η

ly- e -ei > ly-e:i

Indicativo > Subjuntivo

λυ-ο- ο -μεν > λυ- ω -μεν

ly-o- o -men > ly- o: -men

Indicativo > Subjuntivo

2.2.3 Modo Optativo

O Modo Optativo caracteriza-se morfológicamente pela ocorrência de um processo de ditongação na primeira vogal da desinência. Ocorre no morfema número/pessoa/temporal ou na vogal temática segundo o mesmo critério de ocorrência do alongamento do subjuntivo: a vogal que sofre o processo, no Optativo a ditongação, é a vogal imediatamente posterior ao morfema aspectual, conforme o exemplo abaixo:

λύομεν Indicativo (1ª p.pl)

lý-ομεν

λύοιμεν Optativo (1ª p.pl)

lý-οιμεν (ditongação da vogal temática)

Assim como no Subjuntivo, no Modo Optativo o processo a alteração da vogal se dá na posição 7 do verbo. A inserção de uma vogal -i- desencadeia a ocorrência de uma ditongação.

2.2.4 Modo Imperativo

O modo Imperativo caracteriza-se morfológicamente por suas desinências exclusivas, com exceção da de segunda pessoa do plural, conforme o exemplo abaixo:

QUADRO 09 – Modo Imperativo

	Imperativo (Presente)	Imperativo (Aoristo)	Indicativo (Presente)	Indicativo (Aoristo)
2ª pessoa	ly- e	ly- son	ly-eis	elys-as
3ª pessoa	ly- eto:	ly- sato:	ly-ei	elys-e
2ª pessoa	ly- ete	ly- sate	ly-ete	elys-ate
3ª pessoa	ly- onto:n	ly- santo:n	ly-ousi(n)	elys-an

2.3 VOZ

Há em GA três vozes: Ativa, Passiva e Média. As três vozes do GA apresentam traços morfológicos que as distinguem umas das outras.

2.3.1 Voz Ativa e Média

A Voz Ativa tem como traço morfológico a ocorrência de um morfema zero na posição quatro e da ocorrência de desinências número/pessoa/temporais de voz ativa. A Voz Média tem como característica morfológica a presença de desinências número/pessoa/temporais diferentes das desinências da Voz Ativa, como se pode verificar nos exemplos abaixo:

QUADRO 10 – Desinências Ativas e Médias

Desinências Ativas e Médias			
Voz Ativa		Voz Média	
Presente	Aoristo	Presente	Aoristo
ly-o:	elys-a	ly-omai	elys-ame:n
ly-eis	elys-as	ly-ei	elys-o:
ly-ei	elys-e	ly-etai	elys-sato
ly-omen	elys-omen	ly-ómetha	elys-ámetha
ly-ete	elys-ete	ly-esthe	elys-asthe
ly-ousi(n)	elys-ousi(n)	ly-ontai	elys-anto

2.3.2 Voz Passiva

A Voz Passiva também apresenta desinências diferentes da Voz Ativa assim como a Voz Média, porém apresenta desinências diferentes desta nos tempos Futuro, Aoristo e Futuro Anterior. As desinências específicas desses tempos podem ser vistas abaixo:

QUADRO 11 – Voz Passiva

VOZ PASSIVA			
Indicativo	Futuro	Aoristo	Futuro Anterior
	lythé:somai	elýthe:n	lelýsomai
	lythé:sei	elýthe:s	lelýsei
	lythé:sestai	elýthe:	lelýsethai
	lythé:sómetha	elýthe:men	lelysómetha
	lythé:sesthe	elýthe:te	lelýsesthe
	lythé:sontai	elýthe:san	lelýsontai
	Futuro	Aoristo	Futuro Anterior
Subjuntivo		lythō:	
		lythe:is	
		lythe:i	
		lythō:men	
		lythete	
		lythō:si	
	Futuro	Aoristo	Futuro Anterior
Optativo	lythe:soime:n	lytheie:n	lelysoime:n
	lythe:soio	lytheie:s	lelysoio
	lythe:soito	lytheie:	lelysoito
	lythe:soimetha	lytheimen	lelysoimetha
	lythe:soisthe	lytheite	lelysoisthe
	lythe:soivto	lytheien	lelysoivto

2.4 ASPECTO

O GA apresenta marcas morfológicas para o aspecto. Estas marcas serão objeto de discussão nesta sessão.

Em GA há a presença de radicais aspectuais compostos pelo morfema lexical do verbo em questão e pelo morfema aspectual. O Presente tem como morfema aspectual um morfema zero ($\emptyset$), o Perfeito tem como morfema aspectual o -κ- -k- (kapa) e o Aoristo tem como morfema aspectual o -σ- -s- (sigma). Os morfemas aspectuais acima mencionados aparecem sempre na posição 5.

λυ- $\emptyset$ -ομεν

ly- $\emptyset$ -omen (1ª p.pl Presente)

λελυ-κ-ομεν

lely-k-omen (1ª p.pl Perfeito)

ελ-σ-αμεν

ely-s-omen (1ª p.pl Aoristo)

Os Radicais Aspectuais do GA são três, a saber: o Radical aspectual de Presente, Radical aspectual de Aoristo e Radical aspectual de Perfeito.

λυ-

ly $\emptyset$ - Radical de Presente

λελυκ-

lelyk- Radical de Perfeito

λυσ-

lys- Radical de Aoristo

Os Radicais Aspectuais carregam consigo dois traços semânticos que são os traços lexicais e morfológicos. Com base nesses Radicais Aspectuais é que ocorre a flexão do tempo, por meio da adição de morfemas temporais e da distribuição específica de desinências número/pessoal/temporais conforme os exemplos abaixo tomados a partir da primeira pessoa do plural do verbo lyo: “soltar”:

2.4.1 Radical Aspectual de Presente (lyø-)

O radical aspectual de presente dá origem a um tempo presente e um tempo passado. O tempo presente e o passado se diferenciam pela presença ou não de aumento, quando há a co-ocorrência do radical aspectual de presente com o aumento e desinências do grupo I tem-se o tempo verbal denominado Imperfeito. Quando o radical aspectual de presente co-ocorre somente com desinências do grupo I dá origem ao tempo Presente.

λύομεν

ly-omen (tempo Presente)

ἐλύομεν

e-ly-omen (tempo Passado: Imperfeito)

2.4.2 Radical Aspectual de Perfeito (lelyk-)

O Radical Aspectual de Perfeito forma, com redobro e desinências do grupo I um tempo no passado denominado Perfeito. Para formar o Mais que Perfeito o Radical Aspectual de Perfeito recebe, além de redobro e de desinências de primeiro tipo, o aumento.

λελύκαμεν

leluk-amen (tempo Passado: Perfeito)

ἐλελύκειμεν

e-leluk-eimen (tempo Passado: MqPerfeito)

2.4.3 Radical Aspectual de Aoristo (lys-)

O Radical Aspectual de Aoristo quando combinado com desinências do grupo I gera o tempo chamado Futuro. Quando em co-ocorrência com desinências do grupo II gera um tempo passado ao qual dá-se o nome de Aoristo.

ἐλύσαμεν

e-lys-amen (tempo Passado)

λύσομεν

lys-omen (tempo Futuro)

2.5 FORMAS NOMINAIS

Há duas formas nominais no GA: o infinitivo e o particípio. Estas duas formas nominais também são formadas a partir dos Radicais Aspectuais e, portanto, carregam consigo toda a carga semântica aspectual inerente a esses radicais. As formas nominais do GA podem apresentar marcas morfológicas de aspecto, tempo e voz, tipicamente verbais, marcas morfológicas de gênero, número e caso, morfologia tipicamente nominal. Abaixo são discutidas e exemplificadas as duas formas nominais do GA.

2.5.1 Particípio

O particípio do GA apresenta quatro flexões temporais formando: Presente, Aoristo de Perfeito e a de Futuro. Assim como nos verbos, as flexões de tempo do particípio se dão pela distribuição de desinências, porém nas formas nominais elas são Número/Gênero/Casuais e não Número/Pessoa/Temporais. Há nessas formas também os traços aspectuais denotados pela presença dos Radicais aspectuais, assim como nos verbos.

λύων

ly-o:n (particípio presente, nominativo, masculino, singular, voz ativa)

λύσας

lys-as (particípio aoristo, nominativo, masculino, singular, voz ativa)

λελυκώς

lelyk-o:s (particípio perfeito, nominativo, masculino, singular, voz ativa)

λυσων

lys-o:n (particípio futuro, nominativo, masculino, singular, voz ativa)

2.5.2 Infinitivo

O infinitivo do GA apresenta flexão de tempo e de aspecto e voz. Ao contrário do particípio, não apresenta as flexões tipicamente nominais. Os tempos do infinitivo são quatro: Presente, Aoristo, Perfeito e Futuro.

λύειν

lý-ein Infinitivo Presente

λῦσαι

lys-ai Infinitivo Aoristo

λελυκέναι

lelyk-énai Infinitivo Perfeito

λύσειν

lýs-ein Infinitivo Futuro

Há uma discussão entre helenistas sobre a marcação ou não de tempo nas formas nominais do GA. Uma série de argumentos é apresentada por cada um dos lados, porém destaca-se aqui aqueles que são compatíveis com o escopo deste trabalho, já que há argumentos pautados no nível do discurso.

Uma dos argumentos que fomentam a crença de que os radicais aspectuais não expressam tempo, mas sim aspecto é o fato de que as formas nominais do grego (infinitivo e particípio) não gerarem sentenças bem formadas sem a presença de outro verbo. Se as Formas Verbais marcassem tempo, sentenças apenas com o verbo no infinitivo seriam bem formadas, não precisando assim de âncora temporal para gerar sentenças bem formadas como se verifica nos textos gregos. Portanto fica claro que as formas verbais não marcam tempo, mas sim aspecto.

Há um tipo de sentença em GA que contraria o argumento acima. Essas construções as quais convencionou-se chamar de “Genitivo absoluto” cuja estrutura é composta por um particípio genitivo, carecem de verbo principal ou uma âncora temporal.

Outro argumento em favor da marcação de tempo nas formas nominais é o fato de que em GA tanto o infinitivo quanto o particípio apresentam as formas verbais de aoristo e de futuro. Esses dois tempos são formados a partir do mesmo radical aspectual, são diferentes apenas pelas desinências que os completam. Este recurso morfológico de marcação de tempo nas formas nominais por meio de distribuição complementar de desinências está de acordo com o recurso de marcação temporal dos verbos do GA, assim sendo, julgou-se ser esse argumento suficientemente forte para que se defenda neste trabalho que as formas nominais do GA marcam aspecto e tempo.

2.6 RAÍZES VERBAIS

Tanto nos verbos quanto nas formas nominais do GA há ocorrências em que os radicais aspectuais são formados a partir da mesma raiz, como é o caso do verbo que acabamos de ver: λύω / λέλυκα / ἔλυσα / λύσομαι (lýo: / lélyka / élysa / lýsomaí). Existem também no GA, exemplos de verbos e formas nominais que apresentam raízes diferentes, como é o caso do verbo ἔρχομαι *erkhomai* “ir” ἔρχομαι / ἐλήλυθα / ἦλθον / ἐλεύσομαι (*érkhomai* / *elé:lystha* / *é:lthon* / *eléusomai*). Suas flexões se realizam conforme o quadro apresentado no anexo deste trabalho.

Há em GA verbos defectivos cujo exemplo é o verbo εἶδον *eidon*: εἶδον / ὅϊδα / ἔϊσομαι (*éidon* / *óida* / *éisomai*), ainda que esse último tipo represente um caso excepcional e de pequena ocorrência (cf. anexo).

Um último grupo de verbos gregos apresenta apenas um radical aspectual. Este grupo, ainda que com um número muito pequeno de integrantes, é o grupo dos verbos irregulares, que tem como exemplos maiores conjugações antigas do verbo εἰμί *eimí* “ser” e φημί *phemí* “dizer”²¹.

²¹ A flexão mais antiga desses verbos é que se dá pelo uso de um só tema.

3. CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA DOS VERBOS

Nesta seção apresentaremos um breve panorama de teorias aspectuais que estão diretamente ligadas a este trabalho. Apresentam-se algumas das fases que constituíram os estudos do aspecto dentro da semântica moderna, concentrando as discussões nas propostas de classificação dos verbos segundo critérios aspectuais.

3.1 Vendler

Vendler (1966) apresenta uma proposta de classificação aspectual quadripartida, baseada fundamentalmente na classificação ontológica proposta por Aristóteles milhares de anos antes. Vendler classifica as categorias aspectuais como sendo: *estados*, *atividades*, *accomplishments*, *achievements*. Godoi (1992) comenta a classificação vendleriana no trecho abaixo:

[...] no fundo, esta classificação – a mais aceita e respeitada – é ontológica, no sentido de que representa as categorias situacionais que são partes do mundo como nós o percebemos e conhecemos. Mas Vendler oferece os critérios lingüísticos para distinguir as quatro classes aspectuais: são as restrições à co-ocorrência com os advérbios temporais, aos tempos e às implicações lógicas.²²

Dowt (1979) que retoma e reformula a classificação vendleriana apresenta exemplos para cada uma das categorias aspectuais; tais exemplos são os seguintes:

<i>activities:</i>	run (around) “correr (em torno de)”
	walk (and walk) “andar (e andar)”
	swim “nadar”

²² GODOI, 1992, p.21.

<i>accomplishments:</i>	run a mile “correr uma milha” paint a picture “pintar um quadro” grow up “crescer” recover from illness “recuperar-se de uma doença”
<i>achievements:</i>	recognize “reconhecer” find “achar” win (the race) “ganhar (a corrida)” start, stop “começar, parar” be borne, die “nascer, morrer”
<i>states:</i>	desire “desejar” want “querer” love “amar” hate “odiar” dominate “dominar”

3.1.1 Traços das categorias

Godoi (1992), comentando Vendler (1996), apresenta o conjunto de traços semânticos de cada uma das categorias aspectuais propostas acima. Ele lista os traços distintivos inerentes a cada categoria como sendo os seguintes:

<i>Achievements:</i>	captam o começo ou o clímax de um ato; podem ser datados ou situados indefinidamente dentro do espaço (duração temporal); não podem acontecer por todo (<i>throughout</i>) o espaço (intervalo) temporal.
<i>Accomplishments:</i>	têm duração intrinsecamente; somente no caso de <i>accomplishments</i> podemos dizer apropriadamente “X V-ed”, referindo-nos a um segmento inteiro de tempo (e não um único momento); não são homogêneos, i. e., pode haver um ou mais lapsos de tempo em que os <i>acomplishments</i> não se mantêm.

- Activities:* são homogêneos;
são duração temporal é inerentemente indefinida;
não envolvem culminação ou resultado antecipado.
- States:* podem furar ou persistir através da duração de tempo;
não podem ser qualificados como ações;
não envolvem dinamismo;
não constituem mudanças.

3.2 Smith (1991)

Em Smith (1991) encontramos uma revisão da teoria de Vendler (1966), em que a classificação foi expandida. Por meio de critérios semânticos a autora postula a existência de cinco classes aspectuais expressas pelas sentenças das línguas naturais. As classes propostas são: *estaticidade, dinamicidade, instantaneidade, duração, telicidade e atelicidade*. A classificação se dá por meio de reconhecimento da presença de traços semânticos dos pares: *estático/dinâmico, instantâneo/durativo, télico/atélico*.

Scher (2005) exemplifica a classificação proposta por Smith por meio das seguintes sentenças:

- (3) Bruno ama Rafaela
- (4) Bruno escreveu algumas cartas.
- (5) Bruno escreveu a carta.
- (6) Bruno terminou o dever de casa.
- (7) Bruno tossiu muito ontem.

Sher (2005) faz uma verificação dos parâmetros propostos por Smith (1991) ao escrever:

“Os estados, como 3, são estáticos: ocorrem em um período único indiferenciado, constituindo uma eventualidade diferente de atividades e eventos, que são dinâmicos por consistirem de estágios sucessivos que ocorrem em momentos diferentes – cf (4) a (7). Além disso, estados – como 3 –, são sempre durativos, enquanto que atividades e eventos podem ser durativos – como 4 e 7 –, ou instantâneos – como 6 ou 7. Finalmente, estados serão sempre atélcos e atividades e eventos podem ser atélcos – cf. 4 e 7 – ou télcos – cf. 3 ou 6. Para Smith (1991), uma eventualidade télca contém uma mudança de estado que constitui seu resultado ou alvo. A eventualidade se completa quando o alvo é atingido e a mudança de estado se concretiza. É um limite final intrínseco à eventualidade. Uma eventualidade atélca não tem esse limite final intrínseco, constituindo-se em um processo sem culminância. Não há resultado, nenhum alvo é atingido. Ao contrário das eventualidades télcas, com limite final natural, as atélcas só podem ter um limite final arbitrário e, assim, poderão ser interrompidas a qualquer instante (SHER, 2005, p.9).

Portanto, pode-se descrever as categorias aspectuais propostas por Smith (1991) conforme o esquema apresentado a seguir:

a. <i>Estado</i>	[estático, durativo, atélco]
b. <i>Atividade</i>	[dinâmico, durativo, atélco]
c. <i>Accomplishment</i>	[dinâmico, durativo, télco]
d. <i>Achievement</i>	[dinâmico, instantâneo, télco]
e. <i>semelfactivo</i>	[dinâmico, instantâneo, atélco]

3.3 Rothstein (2004)

Em sua obra *Structuring of events*, Rothstein (2004) nos apresenta uma discussão do aspecto e de suas classificações. Apresentando modelos da semântica formal, a autora traz luz

uma discussão importante que é a da adoção ou não de certos critérios para a determinação do valor aspectual nas línguas naturais.

A autora distingue dois tipos de aspecto:

Juntamente com o estudo do aspecto, linguistas fazem a distinção entre aspecto gramatical e aspecto lexical. Algumas pessoas tomam isto como sendo uma distinção formal entre propriedades aspectuais expressas por uma categoria gramatical e/ou caracterizada por uma morfologia flexional particular (por exemplo no francês *imparfait* ou o *passé simple*), e distinções aspectuais as quais são lexicalizadas ou caracterizadas morfologicamente at all. [...] Aspecto lexical é muitas vezes chamado de *Aktionsart* e corresponde ao “aspecto de situação” de Smith, que abrange distinções entre propriedades de tipos de evento denotados por expressões verbais, as quais os linguistas demonstram por meio da classificação dos verbos em classes verbais. Aspecto gramatical, em particular, o contraste entre perfectivo e imperfectivo, está relacionado à distinção na perspectiva dos eventos, ou o que Smith chama de “aspecto de ponto de vista”. (ROTHSTEIN, 2004, p.1).

A autora destaca que *Structuring of events* versa sobre o aspecto lexical. Propõe testes e problematizações para cada um dos tipos de aspecto lexical. Discute sobre a adoção ou não da classificação de eventos como *semelfactives* e propõe que somente dois parâmetros sejam adotados para a classificação dos verbos (ou Vps) segundo critérios semânticos relacionados ao aspecto lexical.

Rothstein (2004) propõe a redução dos traços distintivos propostos por Vendler (1966) e Smith (1991), dentre outros autores que adotam tal classificação, para dois traços que são: [±stage] e [±télico], por julgar que apenas esses dois traços dão conta de classificar adequadamente as eventualidades das línguas naturais.

Rothstein (2004) alega que “a propriedade, [±telico], agrupa estados e atividades em um lado e *achievements* e *accomplishments* em outro. [±telico] marca a distinção aristotélica *kinesis versus energeia*.” (2004, p.7) e que eventualidades télicas são aquelas que têm um ponto final (um télos) natural em contrapartida às atélicas que tendem a durar indefinidamente no tempo.

Rothstein (2004) escreve sobre o que ela chama de teste *standart* de telicidade, que é a aplicação de modificadores temporais “em X tempo” e “por X tempo” em que o primeiro tipo co-ocorreria somente com sentenças télicas e o segundo apenas com sentenças atélicas.

Este tipo de teste não é tão efetivo em português como é em outras línguas como o inglês, língua em que a autora em questão apresenta seus exemplos, bem como em francês e outras línguas românicas. Vejamos exemplos de compatibilidade e incompatibilidade do português e do inglês com alguns testes classificadores.

- (8) John danced for hours / *in one hour.

João dançou por horas / *em uma hora.

- (9) John built the house in a few weeks / *for a few weeks

João construiu a casa em muitas semanas / ?por muitas semanas.

Verbos do tipo *state* não admitem a perífrase progressiva:

- (10) a **John is knowing the answer.*

b **Juan está sabiendo la respuesta.*

c **Jean est en train de savoir la réponse.*²³

d João está sabendo a resposta.

Essa particularidade da língua portuguesa não será mais profundamente discutida pelo fato de esta língua não ser o objeto desta dissertação e também pelo fato de que tal discussão talvez mereça uma dissertação completa. Vale sim, dizer que alguns dos testes de classificação que são eficientes para muitas das línguas naturais não têm o mesmo resultado

²³ A contrução *être en train de* + V teria uma forte semântica modal o que a faz não ser totalmente paralela a sentença em inglês ou português.

para o português. Para maiores informações sobre a pertinência desse tipo de testes para a língua portuguesa ver Chierchia (2003, p.493) e Godoy (1992, p.146ss).

Rothstein (2004) apresenta um quadro das propriedades de cada classe aspectual na página 12 que está reproduzido abaixo:

<i>States</i>	[-telic, -stages]
<i>Activities</i>	[-telic, +stages]
<i>Achievements</i>	[+telic, +stages]
<i>Accomplishments</i>	[+telic, -stages]

Os critérios de classificação aspectual propostos por Rothstein (2004) serão adotados para a classificação dos verbos em GA nessa dissertação, pois julgou-se que os critérios são plenamente satisfatórios para a pesquisa aqui apresentada.

4. VALOR DOS RADICAIS ASPECTUAIS

Nesta seção discute-se os valores atribuídos aos radicais aspectuais na literatura linguística moderna. Apresentam-se propostas de diversos autores sobre o valor dos radicais aspectuais e com base em exemplos verifica-se a pertinência ou não de tais propostas. Essa seção é composta por três subseções, cada uma delas dedicada a um dos radicais aspectuais. Juntamente com as discussões dos valores dos radicais aspectuais são apresentados conceitos da teoria aspectual fundamentais para a discussão ali apresentada.

4.1 RADICAL ASPETUAL DE PRESENTE

O radical aspectual de presente ocorre nas sentenças seguintes:

(11) Πετρός τρέχει

Petrós trékhei

Nom. 3ªp.s Presente

“Pedro corre”

(12) Πετρός έτρεχε

Petrós étrekhe

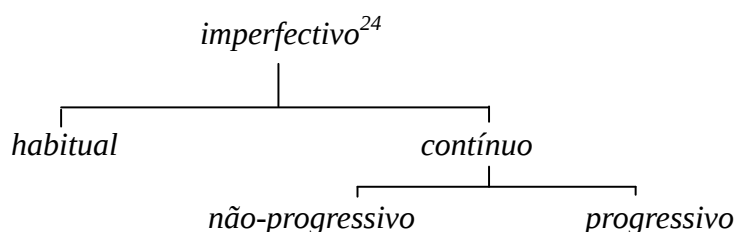
Nom. 3ªp.s Imperfeito

“Pedro corria”

Em 11 e 12 temos sentenças cujo valor aspectual é definido pelo radical de presente, ou seja, essas sentenças são durativas. Há duas leituras possíveis para as sentenças: uma progressiva em que o destaque recai sobre o fato de a ação estar em progresso, cuja paráfrase que melhor expressa este sentido é: “Pedro está/estava correndo”. Uma segunda leitura possível para 11 e 12 é a leitura em que a eventualidade expressa pelo verbo é habitual, cuja paráfrase que torna essa leitura mais clara é: “Pedro costuma/costumava correr”.

Comrie (1976) discorre sobre a natureza do traço [+habitual] quando diz que “habitualidade é essencialmente o mesmo que iteratividade, isto é, a repetição de uma situação, a ocorrência sucessiva de uma dada situação” (COMRIE, 1976, p. 27).

As duas leituras apresentadas para 11 e 12 são baseadas nas subespecificações do grupo do imperfeito, conforme o diagrama de Comrie (1976, p.25) exposto anteriormente, aqui apresentado somente no que concerne ao imperfeito:



Comrie (1976) apresenta os seguintes exemplos em inglês para a oposição habitual *versus* contínuo:

(13) John used to work here.

“João costumava trabalhar aqui”

²⁴ Comrie, 1976, p. 25

(14) John was working (when I entered)

“João estava trabalhando (quanto eu entrei)”

A primeira é exemplo do Habitual e a segunda do Progressivo. Comrie (1976, p. 30) reconhece que diferentes tipos de aspecto podem ocorrer ao mesmo tempo, especialmente no que diz respeito às subdivisões, como acontece em inglês, com sentenças do tipo:

(15) I used to be playing.

“Eu costumava estar jogando”

Em 15 o aspecto expresso é o imperfectivo que se faz presente por meio de duas subespecificações: o habitual – dado pelo (*used to*) – e o progressivo – dado pelo *be playing*. Portanto 15 exemplifica uma sentença que congrega dois valores aspectuais: habitual e progressivo.

A atribuição do valor durativo ao radical aspectual de presente está em consonância com a literatura que versa sobre o aspecto em grego antigo. Humbert (1954) escreve sobre o valor aspectual do radical aspectual de presente “o tema de presente considera a ação em seu desenvolvimento” (1954, p.136). Note-se que Humbert (1954), assim como outros autores de seu tempo, utilizam uma nomenclatura inadequada para os radicais aspectuais, isto aos olhos da linguística moderna, uma vez que os chamam de “temas verbais” o que equivale, a radical + vogal temática atualmente. Explicadas as diferenças terminológicas, destacamos que, segundo Humbert (1954), o radical aspectual de presente além de possuir um valor durativo, é majoritariamente progressivo.

Adrados (1992) também considera o radical aspectual de presente como durativo, como se pode ver quando afirma que o radical aspectual de presente denota “a noção em seu desenvolvimento, sem consideração de seu término: este pode ser dado contextualmente”

(ADRADOS, 1992, p.407). Note-se que a questão da telicidade é destacada por Adrados (1992) neste trecho citado acima. O radical aspectual de presente, mesmo em co-ocorrência com o tempo passado, não deixa claro se o evento chegou ou não ao fim. Tome-se os exemplos a seguir para mais discussões:

- (16) σοὶ δ' Ἀγαμέμνων ἄξια δῶρα δίδωσι *Il.1.261*

soí d' Agamémno:n áksia dó:ra dído:si

a ti Agamenão (Nom.) dignos presentes (Acus.) dá (3ªp.s. Pres)

“Agamenão dá a ti dignos presentes”

- (17) Ὁ στρατηγὸς ἐμαχεῖτο.

o strate:gos emakheito

artigo subst (Nom) 3ªps Imperf.

o soldado combatia

“O soldado combatia”

- (18) Ὁ στρατηγὸς τριῶν ἡμερῶν ἐμαχεῖτο.

o strate:gos trio:n he:mero:n emakheito

o soldado(Nom.) três dias (Gen.) combatia (3ªp.s. Imperfeito)

“O soldado combatia por três dias”

Em 16 temos uma sentença que pode ser lida tanto como progressiva “Agamenão está dando...” como habitual “Agamenão costuma dar...”. Em 17 temos o mesmo tipo de sentença durativa que pode ser lida tanto como progressiva quanto como habitual, pois nela não fica especificado se o soldado costumava combater ou se ele estava combatendo. Independentemente de a leitura ser habitual ou progressiva, não há informações que possam

sugerir um fim a essa eventualidade. Em 18 a adição de um modificador adverbial confere à sentença um novo valor, pois nesse caso há uma marca de duração determinada, ou seja, um *télos*. Portanto em 17 temos uma eventualidade do tipo *Activitie*, em 18 temos uma eventualidade do tipo *Achievement*.

Adrados (1992) destaca também que a contrapartida aspectual do radical aspectual de presente é verificada no tempo passado. Essa alegação baseia-se no fato de que os outros dois radicais aspectuais do GA só co-ocorrem com o tempo passado, ou seja, não há a possibilidade de se contrapor no tempo presente o radical aspectual de presente ao radical aspectual de aoristo por exemplo. Vejamos o que escreve Adrados (1992) sobre isso:

Por outro lado, a assimetria da qual falamos²⁵ está compensada pelo fato de que há oposição entre o tema de presente e o de aoristo no indicativo pretérito (imperfeito e aoristo)²⁶

QUADRO 12 – Distribuição dos Radicais Aspectuais

Distribuição dos Radicais Aspectuais			
Tempo	Radical Aspectual de Presente	Radical Aspectual de Aoristo	Radical Aspectual de Perfeito
Presente	Presente		
Passado	Imperfeito	Aoristo	Perfeito
Futuro		Futuro	

Verifica-se que é no paradigma do passado que há a ocorrência de todos os radicais aspectuais e, portanto, é neste paradigma que se pode falar de oposição de valores dos radicais aspectuais do GA.

Guillén (1971) destaca o valor principal do radical aspectual de presente no trecho: “podemos afirmar, pois, que o Presente é fundamentalmente durarivo” (1971, p.7). A autora

²⁵ O autor chama atenção na mesma página para a alegação de alguns teóricos como Rijksbaron (1984) e Galton, (1975) que alegam não haver um presente aoristo para oferecer uma oposição padrão, como seria esperado.

²⁶ ADRADOS, 1992, p.407.

admite que o valor do radical aspectual de presente sofre influência dos traços semânticos do verbo sobre o qual se realiza. Essa afirmação pode ser verificada no trecho abaixo:

Podemos afirmar, pois, que o Presente é fundamentalmente durativo [...] Se bem que há verbos que por natureza são o que poderíamos chamar de “*ingressivos*” como *χαίρειν* *khaírein* (por-se alegre), ou “*terminativos*” como *εὕρισκειν* *heuriskein* (encontrar), ou “*iterativos*” como *αἰωπέω* *aio:péo:* (balançar-se); verbos cuja ação se realiza em um instante como *φαίνομαι* *pháinomai* (aparecer), ou que se desenvolvem no tempo como *οἰκέω* *oikéo:* (habitar), esses “determinados modos de realizar a ação” estariam dentro do que Agrell chama de “*Aktionsart*”. (GUILLÉN, 1971, p.7-8).

Fica claro que Guillén fala do lexema verbal quando diz “verbos que por sua natureza poderíamos chamar de”, pois o que permite a classificação em tipos dos verbos que a autora apresenta como exemplo é o conjunto de traços semânticos que compõem o lexema verbal. A influência dos traços semânticos expressos pelo lexema é, pois, determinante para a composição do valor aspectual de um verbo.

Rijksbaron (2002) declara: “o radical aspectual de presente significa que um estado ou eventualidade está em curso e está, portanto, não completado (valor imperfectivo)” (RIJKSBARON, 2002, p.1). Ou seja, em consonância com o que disse Adrados (1992) e outros, o radical aspectual de presente denota duração e que denota também uma ação atética.

Crespo *et alii* (2003) “tem um valor único e indica que a situação expressada pelo verbo é durativa ou iterativa” (CRESPO *et alii*, 2003, p.269). Nesta afirmação Crespo *et alii* (2003) destaca o fato de o radical aspectual de presente dar margem para duas leituras: a progressiva, chamada por ele de durativa e a habitual, por ele denominada iterativa.

Crespo *et alii* (2003) apresenta como exemplo do “tema de presente” com valor durativo a sentença seguinte:

- (19) οἶκημα μουνόλιθον ἐκόμισε ἐξ Ἑλεφαντίνης πόλιος, καὶ τοῦτο ἐκόμιζε μὲν ἐπ' ἔτεα τρία (Heródoto, 2, 175, 3)

lugar monolito transportou (3^ap.s Aor.) desde Elefantina cidade, e este transportava (3^ap.s. Imperf.) por três anos

“transportou um habitáculo monolítico desde a cidade de Elefantina, o transporte durou três anos”

*'hizo transportar de la ciudad de Elefantina un habitáculo monolítico, y el transporte duró tres años.'*²⁷

A sentença 19 permite apenas uma leitura durativa da eventualidade, pois uma leitura não durativa fica inviabilizada pela ocorrência do adjunto adverbial de tempo “por três anos”. O fato de o radical aspectual de presente co-ocorrer com sentenças adverbiais que denotam duração é apresentado por Crespo *et alii* (2003) como evidência do valor durativo da forma verbal em questão. Porém esse argumento pode ser questionado com o argumento de que há também a co-ocorrência do radical aspectual de presente com advérbios que indicam eventualidade instantânea.

Crespo *et alii* (2003) apresenta uma lista de advérbios que quando em co-ocorrência com o “tema de presente” geram sentenças com valor aspectual não durativo. Ele argumenta que “a combinação do radical aspectual em seu uso durativo ou progressivo com advérbios como *αὐτίκα* ‘enseguida’, *ἐξαίφνης* ‘de repente’, *εὐθύς* ‘al punto’ admite uma interpretação contextual como incoativo” (CRESPO *et alii*, 2003, p.272). Ele apresenta como exemplo o seguinte texto:

(20) Ὡς δὲ γινῶναι αὐτὸν ἐν οἴῳ κακῷ ἦν, *ιθέως* καλέειν τὸν ἀδελφόν (Heródoto 2, 121, β 2)

hos dé gnō:vai autón en hoío:i kakō:i e:n, *ithéo:s kaléein* tón adelphéon

quando compreender ele em tipo mal estava, *em seguida chamar*(inf.pres) o irmão.

²⁷ Apresentamos a tradução da sentença proposta pelo autor a fim de que fique evidente o valor aspectual proposto por ele.

“Quando compreendeu que estava numa má situação, *em seguida* chamava o irmão”

A sentença 20 proposta por Crespo *et alii* (2003) como exemplo de radical aspectual de presente com valor pontual não apresenta evidência da leitura por ele proposta. A leitura durativa da eventualidade denotada pelo verbo chamar é perfeitamente coerente com o significado original da sentença, como também coerente com a tradução proposta pelo próprio autor: “*y cuando comprendió la difícil situación en que se encontraba, **enseguida estaba llamando** a su hermano*” (CRESPO, 2003, p.272), tradução esta que evidencia uma eventualidade durativa no uso da perífrase “*estaba llamando*”, portanto o argumento apresentado não se verifica.

Há também na literatura uma proposta (cf. Adrados, 1992 e Crespo, 2003) de que o radical aspectual de presente quando em co-ocorrência com determinados verbos denote eventualidades não durativas. Essa afirmação se baseia no fato de que há verbos cujos traços semânticos seriam incompatíveis com uma leitura durativa, esses verbos seriam os do tipo *Achievements*. Sendo o radical aspectual de presente essencialmente durativo e os *Achievements* essencialmente não durativos a co-ocorrência destes pode ser julgada como atípica e a atribuição de valor aspectual a essa combinação gera discussão.

Crespo *et alii* (2003) propõem uma lista de verbos que, mesmo em co-ocorrência com o radical aspectual de presente, denotariam uma eventualidade não durativa ou que destacariam apenas a parte final de uma eventualidade durativa. A lista a seguir é a reprodução da lista por ele apresentada na página 272.

πείθω	peítho:	“Convencer”
πέμπω	pémpo:	“Enviar”
ἀποστέλλω	apostéllo:	“Enviar”
λέγω	légo:	“Dizer”

αἰτέω	aitéo:	“Pedir”
δέομαι	déomai	“Solicitar”
ἐρωτάω	epo:táo:	“Perguntar”
καλέω	kaléo:	“Chamar”
κελεύω	keleúo:	“Ordenar”
ἐντέλλομαι	entéllomai	“Encarregar”
(απ')ἀγγέλλω	(ap')aggéllo:	“Anunciar”

Verifica-se que os verbos dessa lista podem, em sua maioria, ser classificados como verbos do tipo *achievements*. A natureza das eventualidades denotadas por esses verbos justificaria o valor atribuído por Crespo *et alii* (2003) visto que a combinação do traço durativo marcado pelo radical aspectual de presente com os traços [-stage, -télico] inerentes aos *achievements* é coerente com uma leitura em que um memento, o de culminação, da eventualidade é destacado. Tomando-se como exemplo o verbo *peitho* “convencer”, sua ocorrência com o radical aspectual de presente pode gerar duas leituras: uma em que o processo de convencimento é durativo, mas que neste caso destaca-se somente a culminação do evento; outra em que a leitura é habitual, em que costuma-se convencer, porém destaca-se apenas uma dessas culminações. Uma exceção nesta lista seria o verbo *lego*: “dizer” ao qual a classificação como *Achievement* é inadequada. O que esse verbo tem em comum com os outros verbos da lista é que há uma ligação destes com o traço mais humano do sujeito e também por serem verbos *discendi*, porém nenhum destes traços em comum com outros verbos da lista justificaria a atribuição do valor aspectual sugerido por Crespo *et alii* (2003) ao verbo “dizer”.

Adrados (1992) e Crespo *et alii* (2003) apontam para um uso do radical aspectual de presente para denotar estados. Esse fato gera um questionamento pelo fato de o radical

aspectual de perfeito ser prototipicamente marca de estado. As sentenças abaixo apresentam usos do radical aspectual de presente que denotariam estados:

(21) τί κάτησθε; (Heródoto 3.151)

tí káte:sthe? (2^ap.pl Presente)

“Por que acampais?/estais acampados?”

(22) ὁ Πέτρος ἀγαπᾷ τήν Ἑλένη

o Pétros agapãi(3^ap.s Pres) te:n Heléne:

“Pedro ama/está amando Helena”

Em 21 temos uma sentença durativa que pode ser lida tanto no habitual cuja paráfrase que evidencia a leitura seria: “Por que vocês costumam acampar?”, quanto à leitura estativa, cuja paráfrase que melhor explicita esta leitura poderia ser: “Por que vocês estão acampados?”. A leitura estativa de uma sentença com o radical aspectual de presente fica mais evidente com o uso de verbos da classe dos *states* como é o caso de “amar” em 22. A atribuição de valor estativo a sentenças em que ocorre o radical aspectual de presente será discutida na seção destinada ao radical aspectual de perfeito. Por hora cabe dizer que a diferença entre o valor aspectual do radical de presente e o de perfeito parece estar no fato de que o de perfeito denota mais do que um estado.

4.2 RADICAL ASPECTUAL DE AORISTO

Sobre o valor aspectual do aoristo, verifica-se que há uma oposição entre o radical aspectual de aoristo e o radical aspectual de presente, conforme o exemplo a seguir:

- (23) ἔβλεψε σε
 éblepsa se
 Aor 3^aps pron2^ap Acusativo
 “eu vi você”

- (24) ἔβλεπει σε
 éblepei se
 Imperf. 3^aps pron2^ap Acusativo
 “eu via você”

Os exemplos acima demonstram uma oposição clássica no âmbito dos estudos helênicos: pontual *versus* durativo. Nesta proposta a sentença 23 denotaria uma eventualidade pontual (ação instantânea) em virtude da presença do radical aspectual de aoristo no verbo “ver”. Em contraposição à sentença 23, a sentença 24 denotaria uma eventualidade durativa em que este valor é dado à sentença pela presença do radical aspectual de presente no verbo “ver”.

Há outra proposta de valor do radical aspectual de aoristo segundo a qual este denotaria apenas a ocorrência de uma eventualidade, independente se pontual ou durativa. Neste caso a oposição entre as sentenças 23 e 24 seria não mais pontual *versus* durativo, mas

sim perfectivo *versus* imperfectivo. Essa proposta é defendida por Comrie (1976) no trecho abaixo:

Em Grego Antigo, nós encontramos um aoristo (passado perfectivo), em *ebasíleuse déka éte* ‘Ele reinou dez anos’, ou raramente ‘Ele teve um reino por dez anos’ que evidencia a diferença entre essa forma e o imperfeito (passado imperfectivo) *ebasíleue déka éte* ‘Ele reinava dez anos’ ou mais explicitamente ‘Ele tinha reinado durante dez anos’. (COMRIE, 1976, p.17)

Comrie (1976) conclui que o sistema aspectual do verbo grego apresenta duas oposições fundamentais: estativo *versus* não estativo e perfectivo *versus* imperfectivo, em que o estativo é representada pelo perfeito em oposição ao aoristo e o imperfeito; o perfectivo representado pelo aoristo, em oposição ao imperfeito. Comrie (1976) escreve sobre isso no trecho seguinte:

Além da oposição entre perfeito (e.g. *léluca* ‘I have loosed’) e não-perfeito, Grego Antigo tem, juntamente com as formas não perfeitas, uma oposição entre aoristo (e.g. *élusa* ‘I loosed’) e não-aoristo (e.g. *Imperfect éluon* ‘I was loosing, I used to loose’). No modo indicativo o aoristo é essencialmente um tempo passado e essa distinção aspectual particular não existe em outros tempos; em outros modos e em formas nominais, a distinção entre aoristo e não-aoristo é puramente aspectual (significado perfectivo *versus* imperfectivo). (COMRIE, 1976, p.127)

Comrie (1976) define perfectividade ao escrever: “O termo ‘perfectivo’ denota uma situação vista por inteiro, sem considerar sua constituição temporal interna.” (1976, p. 12). Comrie esclarece que o perfeito não deve ser confundido com o traço [+télico], quando, após apresentar uma lista de exemplos em que há a co-ocorrência de formas perfectivas e imperfectivas com modificadores adverbiais que denotam tempo, escreve:

Igualmente, o perfectivo não pode ser definido como descrevendo uma situação com um limite de duração, em oposição a uma ação ilimitada. Uma hora, dez anos, trinta anos, são todos períodos limitados, mas os exemplos

acima demonstram que tanto formas perfectivas como formas imperfectivas podem ser usadas para descrever duração.” (COMRIE, 1976, p.17)

A adequação ou não da atribuição do valor de “ação pontual” ou de “ação realizada” ao radical aspectual de aoristo será discutida com base nos exemplos abaixo:

(25) γνῶθι σαυτόν

gnō:ti sautón

(3^ap.s Aoristo) pron. Reflexivo

“Conhece-te a ti mesmo”

(26) ἠγαπήσα Ἑλένην

e:gapésa Heléne:n

(1^ap.s Aor) Acus

“Eu amei Helena”

(27) κάλλος κρόνος ἀνήλωσεν

kállos krónos ané:lo:sen

Acus. Nom. (3^ap.s. Aor)

“o tempo destrói a beleza”

(28) ὁ στρατιώτης ἐπολέμησε τρεῖς ἡμέρας

ho stratió:te:s epoléme:se treis he:meras

o soldado (Nom.) combateu (3^ap.s Aoristo) três dias

“O soldado combateu três dias”

(08) βασιλεῦσαι δὲ τὸν Χέοπα Αἰγύπτιοι ἔλεγον πεντήκοντα ἔτη (Heródoto 2, 127, 1)

basileusai dé tón Khéopa Aigýptioi élegon penté:konta éte:

reinou (Inf. Aor.) o Quéops egípcios (Nom.) diziam (3ªp.pl) cinquenta ano

“Os egípcios diziam que Quéops reinou cinquenta anos”²⁸

Em 25 temos um verbo tipicamente durativo sendo realizado com o morfema de aoristo. O verbo amar enquadra-se na classe dos *states*, que tem como traço fundamental o valor durativo. Esse tipo de combinação, morfema de aoristo com verbos durativos, põe em cheque a leitura pontual. Pois, tomando-se como referência principal para a composição do valor aspectual o tipo de verbo da sentença, a leitura pontual ficaria comprometida. É com base em ocorrências semelhantes a essas que autores como Guillén (1971), Crespo *et alii* (2003) propõem que o morfema de aoristo pode também denotar um valor neutro à eventualidade, ou seja, que o morfema de aoristo marca apenas que a ação se realizou sem fazer menção à maneira como ela se realizou se foi pontual ou se foi durativa.

Em 28 temos uma sentença em que há um modificador adverbial com valor durativo. A co-ocorrência do morfema de aoristo com modificadores deste tipo impossibilita uma leitura pontual da sentença. Nesse caso fica evidente que o morfema de aoristo expressa apenas que ocorreu um combate, sem fazer menção a se foi pontual ou não. O modificador “três dias” é que atribui à sentença um valor durativo. A tese de que o morfema de aoristo pudesse, neste caso, assumir um valor durativo também não parece razoável, já que a opção do falante pelo radical aspectual de aoristo em vez de o radical aspectual de presente (Imperfeito) demonstra coopera com a tese de que a intenção não era dar destaque à duração do evento.

²⁸ CRESPO *et alii* (2003) propõem como tradução da sentença: “*los egipcios decían que Céops fue rey cincuenta años*”.

Em 29 temos uma sentença com verbo durativo e com um modificador adverbial de duração. Tanto o verbo durativo “reinar” quanto o modificador adverbial “cinquenta anos” colaboram para que a leitura durativa da sentença seja considerada adequada. A co-ocorrência em 8 do radical aspectual de aoristo com verbo durativo e modificador durativo trabalha a favor da tese que o radical aspectual em questão tem essencialmente um valor de eventualidade realizada.

Comrie (1976) comenta sentenças em que há a co-ocorrência de verbos durativos e o morfema de aoristo alegando que o morfema de aoristo pode assumir dois valores, conforme a co-ocorrência ou não de modificadores adverbiais. Comrie (1976) escreve: “em Grego Antigo [...] o aoristo (passado perfectivo) do verbo *basileúo*: ‘eu reinei’ pode referir-se a um reinado completo como em *ebasíleusa déka éte*: ‘eu reinei por dez anos, tive um reino por dez anos’, mas pode referir-se também ao início do reinado, i.e. ‘tornei-me rei, subi ao trono” (1976:19). Comrie (1976) defende que quando não há a presença de modificadores que denotem duração, a eventualidade composta por um verbo durativo e o radical de aoristo um valor pontual, ou seja, que marca o ponto inicial da eventualidade.

Adrados (1992) também argumenta que o radical aspectual de aoristo pode denotar um valor de eventualidade pontual mesmo que em co-ocorrência com verbos durativos. O autor destaca que no caso de sentenças com verbos de estado (*states*) o valor é ingressivo, conforme o exemplo:

(30) μετὰ δὲ... ἐνόσησε ὁ Ἀλυάττης (Heródoto 1, 19)

metá dé... enóse:se ho Alyatte:s

então ... adoeceu (3ªp.s Aor) o Aliates (Nom)

“Então... Aliates adoeceu”

'cayó enfermo Aliates' ²⁹

A atribuição de um valor pontual ao verbo “adoecer” na sentença 30 se justificaria se considerarmos que a evento “adoecer” é parte de um conjunto de eventos narrados por Heródoto em seu texto e, assim sendo, é um ponto de uma linha temporal maior. Fora do âmbito discursivo o traço pontual poderia ser atribuído à sentença pela presença das partículas temporais *metá dé*, traduzidas pelo advérbio “então”, porém não ao fato de o verbo ser de estado como propõe Adrados (1992). Sem a consideração das questões discursivas no trecho de Heródoto apresentado por Adrados (1992) a sentença denotaria apenas a ocorrência da ação de “adoecer” sem destacar se é pontual ou não.

No exemplo a seguir tem-se uma sentença construída com o radical aspectual de aoristo que pode gerar várias leituras, segundo destacam alguns autores (cf. Adrados 1992).

- (31) [Amasis] οἴκεμα μουνόλιθον ἐκόμισε ἐξ Ἐλεφαντίνης πόλιος (Heródoto 2, 175)

oíkema mounólithon ekómise eks Elefantíne:s pólios

habitação monolito cuidou (3ªp.s Aor) desde Elefantina cidade Gen)

[Amasis] “cuidou da habitação monolítica desde a cidade de Elefantina”

A sentença 31 pode gerar uma leitura em que a eventualidade é durativa, já que a expressão “desde a cidade de Elefantina” denota tempo decorrido e, portanto, fornece subsídios para uma leitura durativa. Uma paráfrase que evidenciaria essa leitura seria “Cuidava da habitação monolítica desde Elefantina”. O fato de a sentença construir-se sobre o radical aspectual de aoristo, em oposição à possibilidade de ter sido construída com o radical aspectual de presente (realizado no imperfeito), seria uma evidência de que nesse caso o autor

²⁹ Tradução da sentença proposta por Adrados (1992).

optou por apenas informar a realização da ação sem destacar sua duração, portanto há subsídios para uma leitura perfectiva. Há ainda, uma terceira leitura em que o destaque recai sobre o início da eventualidade “cuidar”. Essa leitura seria fomentada pelo advérbio “desde” que marca início de uma eventualidade. Para essa leitura, uma paráfrase que a torna mais evidente pode ser: “Começou a cuidar da habitação monolítica em Elefantina”.

Adrados (1992) discute o valor aspectual da forma de aoristo na sentença 31 alegando que “é evidente que ele levou um certo tempo, mas não se especifica” (1992, p. 430), o que segundo ele possibilitaria as duas primeiras leituras. Ainda que haja a possibilidade da terceira leitura, a pontual, esse exemplo não apresenta evidências suficientes para a atribuição de um valor de eventualidade pontual ao radical aspectual de aoristo, uma vez que são outros elementos da sentença que não o radical aspectual que fomentariam a leitura durativa ou a leitura pontual.

Há apenas dois casos em que a atribuição de valor “pontual” ao radical aspectual de aoristo encontra argumentos fortes para ser considerada adequada: quando em co-ocorrência com verbos *achievements*, quando em oposição discursiva ao radical aspectual de presente.

No segundo caso a questão é de natureza discursiva, portanto foge ao escopo deste trabalho que se encontra no âmbito da sentença. Dados sobre a abordagem discursiva do radical aspectual de aoristo e da oposição aspectual presente *versus* aoristo no nível do discurso, podem ser obtidos em Bakker (1997), Buijs (2005) e em especial no quarto capítulo de Sicking & Stork (1996).

Para a discussão do primeiro caso tome-se o exemplo abaixo:

(32) Πέτρος ἔθανε

Pétros éthane

(Nom.) (3^ap.s. Aor)

“Pedro morreu”

A natureza do verbo “morrer”, tipicamente um *Achievement*, confere à sentença 32 uma duração desprezível, o que alguns autores chamam de valor “pontual”. Ainda que o radical aspectual de aoristo em si denote apenas que a ação foi realizada, a soma deste traço ao traço [-stage] denotado pelo verbo “morrer” oferece evidência suficientemente forte para a proposição da leitura “pontual”. Portanto assume-se neste trabalho que em casos de co-ocorrência do radical aspectual de aoristo com verbos *achievements* a leitura “pontual” configura-se como a mais adequada.

Adrados (1992) e Rijksbaron (2002) defendem a atribuição do traço [+télico] ao aoristo, conforme verifica-se no trecho: “o aoristo é um término positivo da categoria de aspecto, término que contrapõe-se ao tema (morfema) de presente: aspecto perfectivo frente ao imperfectivo” (ADRADOS, 1991, p.429) e no trecho: “a raiz de aoristo significa que o estado das coisas é completado” (RIJKSBARON, 2002, p.1).

Provou-se claramente que a atribuição do traço [+télico] ao perfectivo não se sustenta em todas as línguas naturais. A análise de dados que comprova essa afirmação, a discussão pormenorizada dessa questão e a tese que estabelece a inadequação da atribuição obrigatória do traço [+télico] aos perfectivos podem ser lidas em Bertinetto (2001).

Aliada à discussão do valor do radical aspectual de aoristo está a proposta de que o Futuro tem um valor aspectual nulo. Essa posição está em consonância com autores consultados, como por exemplo, Binnick (1991) “o futuro grego é neutro quanto ao aspecto”³⁰, Adrados (1992) “o tema de futuro indica tempo (futuro)”³¹, Crespo *et alii* (2003) “o tema de futuro somente expressa tempo”³². Tais afirmações encontrariam respaldo no fato de o futuro ser considerado por alguns linguistas como um modo e não um tempo o que poderia sugerir que tais traços modais poderiam anular o valor aspectual do futuro.

³⁰ BINNICK, 1991, p.159.

³¹ ADRADOS, 1992, p.381.

³² CRESPO *et alii*, 2003, p.268.

Nesta dissertação defende-se a posição que atribui ao futuro o valor aspectual igual ao do Aoristo, já que o valor aspectual é dado pelo radical aspectual e não pelas desinências temporais que com ele co-ocorrem, ou seja, há evidências morfológicas que respaldam tal posicionamento.

4.3 RADICAL ASPECTUAL DE PERFEITO

O radical aspectual do perfeito denota um estado resultante de uma eventualidade. Em 34 vemos uma sentença em que ocorre o radical aspectual de perfeito:

- (33) αὐτός τεθνήκε
 Ele (Nom) morreu (3ªp.s. Perfeito)
 “Ele está morto”

A opção pela tradução do verbo *tethnéike* por “está morto” em vez de “morreu” se justifica pelo fato de que o valor do radical aspectual do perfeito destacar o traço [+estativo] e também por ser um estado que ocorre no presente. Por esses motivos julgamos que o valor do radical aspectual de perfeito fica evidenciado com uma perífrase estativa no tempo presente como “está morto”. Assim sendo, a opção pelo pretérito perfeito do português traria uma falsa idéia de passado, inadequada ao valor acima exposto.

No exemplo 34 o fato do verbo em questão ser um *Achievement* não impede a leitura estativa, pois nesse caso é a eventualidade ocorrida no passado que se classifica como *Achievement*, à morte atribui-se os traços [-stage] e [+telico], já ao estado decorrente dessa eventualidade recebe a atribuição dos traços [-stage] e [-télico] o que configura um *State*.

Comrie (1976) define o perfeito da seguinte maneira: “O termo ‘perfeito’ refere-se a uma situação passada com relevância no presente, por hora, o resultado presente de um evento no passado (sua arma tinham sido quebrada).”³³ (COMRIE, 1976, p.12).

Comrie (1976) discute a adoção do conceito de perfectivo para as formas verbais gregas em comparação com a aplicação desse conceito em línguas eslavas. Nas línguas eslavas parece que formas perfectivas estão ligadas ao traço [$\pm$ télico], porém em GA esse traço não parece estar atrelado à noção de perfeito, conforme demonstra abaixo:

A existência de um future perfectivo em Russo, por hora, isto é *já ub’ju tebjá* ‘I shaw kill you’, e de formas subordinadas perfectivas com (relativo) com referência ao tempo futuro em Grego Antigo, isto é, *boletai touto poié:sai* ‘he wishes to do this’, com o aoristo infinitivo, demonstram a inadequação da caracterização do perfectivo como “completado” ou mesmo como “completo”. (COMRIE, 1976, p.18)

O estado denotado pelo radical aspectual de perfeito difere do estado denotado pelo presente pelo fato de o perfeito denotar um estado decorrente de uma eventualidade em contrapartida ao presente quando denota um estado sem fazer qualquer referência a uma eventualidade que desencadeia esse estado. Note-se os exemplos:

(34) a. ἐγὼ τρέχω

egó trékho: [Presente]

“Eu corro/estou correndo”

b. ἐγὼ δεδράμηκα

egó dedráme:ka [Perfeito]

“Eu sou corredor/sou alguém que corre”

³³ O exemplo apresentado por Comrie é *his arm has been broken*.

- (35) a. ἐγὼ γράφω
 egó grápho: [Presente]
 “eu escrevo/estou escrevendo”
- b. ἐγὼ γέγραφα
 egó gégrapho: [Perfeito]
 “Eu sou um escritor/alguém que escreve”³⁴
- (36) a. ἐγὼ ἀγαπάω
 egó agapáo: [Presente]
 “Eu amo/estou amando”
- b. ἐγὼ ἠγάπηκα
 egó e:gápeka [Perfeito]
 “Eu estou apaixonado”
- (37) a. ἐγὼ βούλωμαι
 egó bouílomai [Presente]
 “Eu quero/estou querendo”
- b. αὐτός βεβούληται
 autós beboúle:tai [Perfeito]
 “Eu tenho um desejo”
- (38) a. ἐγὼ δικάζω
 egó dikázo: [Presente]
 “Eu realizo julgamentos/estou realizando julgamentos”
- b. ἐγὼ δεδίκηκα
 egó dedíkaka [Perfeito]

³⁴ Outra tradução possível: “Eu sou alfabetizado”.

“Eu sou um juiz/um julgador”

- (39) a. ἐγὼ θνήσκω
egó thné:isko: [Presente]
“Eu morro/estou morrendo”
b. ἐγὼ τέθνησκα
egó téthne:iska [Perfeito]
“Eu estou morto”
- (40) a. ἐγὼ φαίνομαι
egó phaínomai [Presente]
“Eu apareço/estou aparecendo”
b. ἐγὼ πεφάσμαι
egó pephásmai [Perfeito]
“Eu estou aparente”
- (41) a. ἐγὼ εὐρίσκω
egó heurísko: [Presente]
“Eu descubro/estou descobrindo”
b. ἐγὼ ηὔρηκα
egó heúreka [Perfeito]
“Eu sou descobridor”
- (42) a. ἐγὼ νικάω
egó nikáo: [Presente]
“Eu venço/estou vencendo”
b. ἐγὼ νενίκηκα
egó neníke:ka [Perfeito]

“Eu sou vencedor”

Em 34 e 35 tem-se comparativos entre as sentenças com presente e com perfeito de verbos do tipo *Activities*. Algumas dificuldades de tradução se apresentam nesses casos em especial por questões relacionadas ao fato de alguns verbos implicarem ou não certos estados, como “alguém que escreve” não implica necessariamente que tal indivíduo é um escritor. Estas questões estão relacionadas ao “paradoxo do imperfectivo” discutido profundamente por Dowt em diversos de seus trabalhos.

Em 36 e 37 o comparativo do presente com o perfeito se faz com verbos do tipo *State*. As propostas de tradução apresentadas baseiam-se no fato de a perífrase *ser + infinitivo* não ser adequada à tradução do valor da sentença, pois “sou amador” não é uma opção para o perfeito do verbo amar, daí a proposta de uso do verbo “apaixonar-se” numa perífrase estativa parecer eficiente. Da mesma maneira a perífrase “sou queredor” é incompatível com o perfeito do verbo querer. Portanto a perífrase com o verbo desejar parece adequada ao valor expresso pela sentença original.

Em 38 apresenta-se um comparativo entre sentenças com radical aspectual de presente e com radical aspectual do perfeito, co-ocorrendo com verbo do tipo *Accomplishment*. Nesse caso a perífrase *ser + infinitivo* demonstrou-se adequada para exprimir a idéia de julgar. Também se apresenta a opção “sou um juiz”, pois esta é mais precisa quanto ao fato do verbo em questão, *dikázo*;, referir-se em especial a julgamentos judiciais, portanto “sou um juiz” que é mais restritiva que “sou um julgador” é mais adequada à tradução.

De 39 a 42 mostram-se sentenças em que há co-ocorrência de verbos do tipo *Achievements* com o radical aspectual do perfeito e do presente. Neste grupo de exemplos as traduções com a perífrase *estar + infinitivo* demonstraram-se adequadas ao valor original das sentenças 39 e 40, porém por particularidades da língua portuguesa as sentenças 41 e 42 são incompatíveis com perífrases *estar + infinitivo*. A solução de tradução com perífrases estativas

compostas por *ser* + *infinitivo* é adequada à estrutura da língua portuguesa e perfeitamente compatível com o valor da sentença original.

Meillet (1948) discute o valor do radical aspectual de perfeito quando propõe a existência de um par antagônico em que um dos elementos era composto pelo presente e pelo aoristo, o outro elemento composto pelo perfeito. A oposição era justificada pela atribuição do valor de *infectum* à dupla presente e aoristo e a atribuição do valor de *perfectum* ao perfeito. Como já foi discutido anteriormente, o perfeito denota o valor de estado decorrente de uma eventualidade e não o valor de perfectivo, este é denotado em GA por meio do aoristo. Portanto a proposta de valor do perfeito defendida por Meillet (1948) é inconsistente.

Guillén (1971) atribui ao radical aspectual de perfeito o valor de “estado resultante depois da ação ter se iniciado”. (GUILLÉN, 1971, p.12)

Sobre o radical aspectual do perfeito Adrados (1992) propõe que é “em termos gerais, um estado que deriva ou depende de uma ação passada” (ADRADOS, 1992, p.456), ou seja, o autor considera o perfeito como o estado resultante de uma ação, sendo somente essa a diferença significativa entre o perfeito e o presente: o fato de aquele ser consequência de uma ação realizada, e, como na ação expressa pelo presente, um estado tido como imperfectivo. Adrados (1992) destaca que há casos em que a definição acima não é pertinente pois:

Estado do sujeito derivado de uma ação precedente do mesmo [...] Adiantamos que esta definição não encaixa bem como o chamado perfeito intensivo e iterativo (também “anômalo”) de verbos de sentimento, som, movimento e estados do corpo, etc.: “estou contente”, “tenho medo”, “está gelado”, “está colocado”, “ruge”, “ordena”, “está florescente”, etc. Estes perfeitos não são considerados, em geral, como simples presentes, às vezes com idéia de interação (múltiplos sons, movimentos, sensações) ou de intensidade . (ADRADOS, 1992, p. 460)

Adrados (1992) ainda discorre sobre o valor de término positivo que atribui ao perfeito ao propor que “na realidade a oposição do perfeito ao presente como um término positivo a um negativo está bem provada pelo fato de que existe um *praesens pro perfecto*: há presentes

de estado com valor propriamente de perfeito.” (ADRADOS, 1992, p.460). Este argumento apresentado por Adrados (1992) não justifica sua atribuição do traço [+télico] ao perfeito, pois o fato de o radical de presente em co-ocorrência com verbos de estado atribuir à sentença um valor estativo não implica em dizer que o perfeito é télico, nem ao menos que a eventualidade que desencadeia o estado resultante expresso pelo perfeito seja télico. Isso pode ser exemplificado com a sentença 43 em português:

(43) Eu corro, por isso estou cansado.

Em 43 tem-se um verbo do tipo *Activities* “correr” e como consequência dessa atividade um estado expresso pela perífrase *estar + participio* “estou cansado”. Note-se que a eventualidade que desencadeia o estado resultante é uma eventualidade [-télica] portanto fica evidente que a proposta de Adrados (1992) sobre uma possível telicidade do perfeito é inconsistente.

Rijksbaron (2002) apresenta o valor do radical aspectual do perfeito quando escreve “o radical aspectual de perfeito significa que um estado de eventualidades está completado e que existe um estado como resultado.” (RIJKSBARON, 2002, p.1)

Crespo *et alii* (2003) escreve que: “o perfeito indica que a situação designada é um estado ou uma posição.” (CRESPO *et alii*, 2003, p.279). o fato deste autor adicionar ao valor de estado, comumente atribuído ao radical aspectual de perfeito, o valor de posição se deve ao fato de considerar sentenças como a seguinte:

(44) Estou em pé (porque me levantei)

Para Crespo *et alii* (2003) não é um estado, mas sim uma posição decorrente da ação de levantar-se. Isso justifica a presença de “posição” como valor expresso pelo radical

aspectual do perfeito. A distinção entre estado e posição proposta por Crespo *et alii* (2003) parece pouco proveitosa, ao menos para as discussões sobre aspecto das sentenças, portanto tal distinção não foi adotada nesta dissertação.

Murachco (2003) apresenta o valor aspectual que atribui ao radical de perfeito no trecho: “é o ato acabado. Perfeito. É o resultado presente de um ato que terminou [...] é o ato verbal que está completo e cujo resultado perdura até agora” (MURACHCO, 2003, p.239). Note-se que em Murachco (2003) também se verifica a inconsistência discutida anteriormente que é creditar à eventualidade que desencadeia o estado expresso pelo radical aspectual do perfeito o traço [+ télico].

Murachco (2003) ao discutir relações entre tempo e aspecto defende que o mais que perfeito assim como o perfeito é a expressão de um estado decorrente de uma ação no passado, porém ao contrário deste o mais que perfeito é o estado decorrente da ação que se localiza no passado (2003, 241). Ou seja, houve uma ação no passado que gerou um estado decorrente da mesma, este estado está também localizado no passado como no exemplo abaixo:

(45) ὅτε ἦλθε ὁ φίλος ἐγεγράφειν τήν ἐπιστολήν

Hóte e:lthe ho phílos **egegráphein** tén epistolé:n

Quando chegar (3^ap.s Aor.) o amigo (Nom.) **escrever** (3^ap.s MqPerfeito) a carta (Acus.)

“Quando chegou o amigo eu *tinha escrito* a carta”

Murachco (2003) ainda discutindo as relações entre tempo e aspecto escreve que o futuro perfeito expressa que “um ato estará terminado em uma situação futura” (2003, p.242). Sobre a eventualidade estar terminada já se discutiu anteriormente, portanto fica o futuro perfeito a atribuição de um estado resultante de uma eventualidade, sendo que esse estado

localiza-se no futuro. As sentenças 46 e 47 ilustram o uso do futuro perfeito, também chamado por alguns helenistas de futuro anterior.

- (46) πᾶς ὁ παρών φόβος λελύσεται
 pās ho paro:n phóbos lelýsetai
 tudo o presente medo (Nom.) dissipar-se (3^ap.s. Fut. Perf.)
 “Todo o medo presente estará/terá sido dissipado”
- (47) ἐμοὶ δὲ λελείπεται ἄλγεα λυγρὰ (Homero)
 emoi dé leleípsetai álgea luygrá
 eu (Dat.) abandonar (3^ap.s Fut. Perf) dores miseráveis (Nom.)
 “As dores miseráveis me terão abandonado”

Mais uma vez, em consonância com a discussão apresentada no fim da sessão anterior, dedicada ao radical aspectual do aoristo, defende-se neste trabalho que o valor aspectual do radical aspectual não é anulado pelo tempo futuro, portanto no perfeito futuro o radical tem seu valor aspectual preservado.

5. SISTEMATIZAÇÃO DO ASPECTO VERBAL DO GREGO ANTIGO

Após as discussões das análises propostas e considerando a metodologia adotada, apresentaremos então, uma sistematização do modelo de funcionamento do aspecto verbal para o Grego Antigo a fim de subsidiar tanto pesquisas linguísticas futuras quanto traduções de textos originais escritos em grego quanto ao critério aspectual.

A determinação adequada do aspecto verbal em grego antigo se dá pela soma do valor expresso pelos radicais aspectuais (de presente, de aoristo e de perfeito), com o valor expresso pelos traços semânticos do verbo em questão³⁵. Assim sendo, o conjunto desses valores será o que se considera neste texto como sendo aspecto verbal. Propõe-se então para cada um dos radicais aspectuais um conjunto de valores, conforme o tipo de verbo com o qual co-ocorrem.

5.1 VALORES DO RADICAL ASPECTUAL DO PRESENTE

O radical aspectual do presente que apresenta como morfema aspectual o morfema zero ($\emptyset$) na posição 05, conforme exposto no capítulo dois desta dissertação, e que confere um valor durativo (imperfectivo) ao verbo, assume diferentes valores aspectuais conforme a classe aspectual dos verbos com o qual o radical co-ocorre.

³⁵ Os traços semânticos que considerados significativos para essa análise foram discutidos no capítulo três.

5.1.1 Presente + *Activities*

O radical aspectual do presente quando realizado em verbos *Activities*, tem um valor durativo e não marca o término da ação.

Presente [imperfectivo] + *Activities* [+stage, -telico].

(48) ἐγὼ τρέχω

egó: trékho:

“Eu corro/estou correndo”

(49) αὐτὴ γράφει

auté: grápheí

“Ela escreve/está escrevendo”

5.1.2 Presente + *States*

O radical aspectual do presente quando combinado com verbos do tipo *States*, tem um valor aspectual durativo que perdura no tempo, ou seja, o estado propriamente dito.

Presente [imperfectivo] + *State* [-stage, -télico].

(50) ἐγὼ ἀγατάω

egó agapáo:

“Eu amo/estou amando”

- (51) αὐτός βούλεται
autós bouúletai
“Ele quer/está querendo”

5.1.3 Presente + *Accomplishments*

O radical aspectual do presente quando realizado em verbos do tipo *Accomplishments* tem um valor aspectual durativo que aponta para um término marcado positivamente.

Presente [imperfectivo] + *Accomplishment* [+stage, -télico]

- (52) αὐτός δικάζει
autos dikázei
“Ele realiza/está realizando um julgamento” (judicial)

5.1.4 Presente + *Achievements*

O radical aspectual do presente quando realizado em verbos *achievements* tem um valor aspectual habitual ou iterativo.

Presente [imperfectivo] + *Achievement* [+stage, +télico]

- (53) αὐτός θνήσκει
autós thné:iskei
“Ele morre/está morendo”

- (54) αὐτός φαίνεται
autós pháinetai
“Ele aparece/está aparecendo”

- (55) αὐτός εὕρισκει
autós heurískei
“Ele descobre/está descobrindo”

- (56) ἐγὼ νικάω
Ego: nikáo:
“Eu venço/estou vencendo”

5.2 VALORES DO RADICAL ASPECTUAL DO AORISTO

O radical aspectual do aoristo que apresenta como morfema aspectual o σ (sigma) na posição 05, conforme exposto no capítulo dois desta dissertação, e que confere um valor de ação realizada (perfectivo) ao verbo, assume diferentes valores aspectuais conforme a classe aspectual dos verbos com o qual o radical co-ocorre.

5.2.1 Aoristo + *Accomplishments*

O radical aspectual do aoristo quando realizado em verbos do tipo *Accomplishments* marca a ocorrência de um evento durativo e télico.

Aoristo [perfectivo] + *Accomplishment* [+stage, +télico] Exemplo:

- (57) ἐγὼ ἐδίκησα
 egó edíkasa
 “Eu realizei um julgamento” (judicial)

5.2.2 Aoristo + *Activities*

O radical aspectual do aoristo quando realizado em verbos do tipo *Activities* marca a ocorrência de um evento durativo e atélico.

Aoristo [perfectivo] + *Activities* [+stage, -télico]

- (58) αὐτός ἔθρεξε
 autós éthrekse
 “Ele correu”

- (59) αὐτός ἔγραψε
 autós égrapse
 “Ele escreveu”

5.2.3 Aoristo + *Achievements*

O radical aspectual do aoristo quando co-ocorre com verbos do tipo *Achievements* marca a ocorrência de um evento pontual.

Aoristo [perfectivo] + *Achievements* [+stage, +télico]

- (60) αὐτός ἔθανε
autós éthane
“Ele morreu”
- (61) ἐγὼ ἐφηνάμην
egó: ephenvámen
“Eu apareci”
- (62) ἐγὼ εἶρον³⁶
egó: heuron
“Eu encontrei/descobri”
- (63) ἐγὼ ἐνίκησα
egó eníkesa
“Eu venci”

5.2.4 Aoristo + *States*

O radical aspectual do aoristo em co-ocorrência com verbos do tipo *States* denota a existência de um estado.

Aoristo [perfectivo] + *States* [-stage, -télico]

- (64) αὐτός ἀγάπησε
(ἀγαπάω)
“Ele amou”

³⁶ Há registros desta forma com a primeira vogal alongada ηῦρον.

- (65) ἐγὼ ἐβουλήθην³⁷
 egó eboulé:then
 “Eu quiz”

5.3 VALORES DO RADICAL ASPECTUAL DO PERFEITO

O radical aspectual do perfeito caracterizado pelo morfema aspectual descontínuo *le- - k-*, conforme exposto no capítulo dois desta dissertação, e que confere ao verbo um valor de estado decorrente de uma eventualidade, assume diferentes valores aspectuais conforme a classe aspectual dos verbos com o qual o radical co-ocorre.

5.3.1 Perfeito + *States*

O radical aspectual do perfeito quando realizado em verbos *states* tem um valor aspectual de estado decorrente de uma eventualidade, esse estado decorrente perdura indefinidamente no tempo. Este é o perfeito prototípico.

Perfeito [estado decorrente] + *States* [-*stage*, -télico] Exemplos:

- (66) ἐγὼ ἠγάπηκα
 egó e:gápeka
 “Estou apaixonado”

³⁷ Há registros dessa forma com a primeira vogal alongada: ἡβουλήθην.

- (67) αὐτός βεβούληται
autós beboúle:tai
“Ele tem um desejo”

5.3.2 Perfeito + *Activities*

O radical aspectual do perfeito quando realizado em verbos *activities* tem um valor aspectual de estado decorrente de uma eventualidade sem fazer menção um fim desse estado (em oposição a ocorrência com *Accomplishments* que marcam o fim).

Perfeito [estado decorrente] + *Activities* [+stage, -télico] Exemplos:

- (68) ἐγώ δεδράμηκα
egó dedráme:ka
“Eu sou corredor/sou alguém que corre”

- (69) αὐτός γέγραφε
autos gégraphe
“Ele é escritor/alguém que escreve”

5.3.3 Perfeito + *Accomplishments*

O radical aspectual do perfeito quando realizado com verbos do tipo *Accomplishments* tem um valor aspectual de estado decorrente de uma eventualidade e marca positiva para o término, ou seja, esse estado decorrente de uma eventualidade tem duração determinada.

Perfeito [estado decorrente] + *Accomplishment* [+stage, +télico] Exemplo:

(70) ἐγὼ δεδίκηκα

egó dedíkaka

“Eu sou juiz” (por um período determinado)

5.3.4 Perfeito + *Achievements*

O radical aspectual do perfeito quando em co-ocorrência com verbos *achievements* tem um valor aspectual de estado decorrente de uma eventualidade, marca positiva para o término. Nesse tipo de perfeito o estado decorrente tem duração determinada e o foco recai sobre apenas um momento do estado decorrente.

Perfeito [estado decorrente] + *Achievements* [+stage, +télico] Exemplos:

(71) αὐτός τεθνήκε

autós tethné:ke

“Ele está morto” (agora)

(72) ἐγὼ πεφάσμαι

egó pephásmai

“Eu estou aparente” (agora)

(73) ἐγὼ ηὔρηκα

egó heúreka

“Eu sou descobridor” (agora)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os manuais tradicionais de língua grega, tanto em língua portuguesa quanto em língua estrangeira, em geral pouco falam sobre o aspecto verbal, ainda que desde a antiguidade essa categoria seja sistematicamente tratada direta ou indiretamente em gramáticas gregas do período helenístico e subsequentes e nos textos filosóficos de Aristóteles e outros.

Boa parte dos tratados contemporâneos sobre língua grega não se prestam a explicar o funcionamento do aspecto verbal do grego antigo, restringindo-se a apenas descrever ocorrências do fenômeno de forma pouco elucidativa e, porque não dizer, por vezes de maneira confusa e pouco aprofundada. Em geral essa deficiência dos tratados se dá principalmente pela ausência de uma análise morfológica eficaz o que desencadeia a não determinação clara dos elementos que compõe a marcação aspectual no verbo grego. Além disso, tais manuais não oferecem uma relação sistemática entre o valor semântico dos radicais aspectuais e o valor semântico dos lexemas verbais.

Muitos dos trabalhos modernos contemplam o fenômeno por um viés discursivo o que impede que o valor semântico dos verbos possa ser determinado com precisão. A contribuição prestada por esses trabalhos ao estudo do aspecto e também do GA é louvável, porém deixam em aberto a discussão do valor aspectual dos verbos no nível sintático e semântico.

Julgou-se, com base nos resultados apresentados, que o método de determinação do valor aspectual dos verbos gregos adotado nesse trabalho, método esse que consiste em somar o valor aspectual dos radicais aspectuais ao valor dos lexemas verbais atribuídos pela sua classificação em classes, é satisfatório no que concerne à eficácia e à precisão necessárias para o cálculo do aspecto verbal em GA. Portanto, acredita-se que os resultados obtidos nesta pesquisa são pertinentes e contribuem tanto para a compreensão e tradução de textos

compostos em GA, quanto para a discussão do aspecto como categoria lingüística no âmbito das discussões de características das línguas naturais.

Assume-se que há oposição de traços aspectuais expressos pelas formas verbais. Essa oposição se verifica, porém, não no tempo presente, mas no tempo passado, como citado anteriormente, formando um grupo de formas no passado como o seguinte: Imperfeito/Aoristo/Perfeito. Porém mesmo a oposição proposta no tempo passado não é plena, pois entre o Imperfeito e o Perfeito o traço que os distingue é ser marca positiva ou negativa de “estado decorrente”. Já a distinção entre Imperfeito e Aoristo é o traço reside em aquele marcar duração e este deixar esse traço em aberto.

Considerando o escopo deste trabalho e ainda o fato de a oposição aoristo *versus* presente, comum em textos gregos, ser de natureza discursiva; merece destaque o fato de que não se verificou a existência da oposição durativo *versus* pontual atribuída ao par presente/aoristo em alguns tratados de língua grega. Há no sistema aspectual do GA apenas oposições parciais que não configuram nem um trio opositivo pleno, nem pares opositivos plenos, em qualquer das combinações possíveis, em que um dos elementos do par receberia duas formas e o outro apenas uma.

Espera-se que o estudo do aspecto em sua expressão verbal colabore com a compreensão do funcionamento do GA e também da Gramática Universal, nos moldes da Teoria Gramatical. Há de se reconhecer que a abordagem aqui proposta não abarca o fenômeno aspectual em sua completude, já que é de natureza composicional e portanto incorpora outros elementos do sintagma que não foram discutidos nesta dissertação. Mesmo conscientes disso, espera-se que, ainda que timidamente, este trabalho colaborou com a discussão e a postulação de hipóteses acerca do funcionamento do aspecto em geral e do sistema aspectual do GA. Além disso, crê-se que dados e as hipóteses aqui apresentadas possam ser úteis como subsídio a uma abordagem aprofundada do aspecto no nível da

sentença com vistas à investigação de questões sintáticas-semânticas que envolvem o aspecto no GA.

BIBLIOGRAFIA

ADRADOS, F. R. **Nueva sintaxis del griego antiguo**. Madrid: Gredos, 1992.

ARISTÓTELES. Metafísica. In: **Complete works of Aristotle**: the revised Oxford translation II. Princeton, 1984.

_____. **Metafísica**. Tradução Giovanni Reale. 3v. São Paulo: Loyola, 2002.

BAILLY, A. **Dictionaire Grecque Français**. 6.ed. Paris: Hachette, 1950.

BAKKER, E. J. **Grammar as Interpretation**: Greek Literature in its Linguistic Cotexts. Leiden - New York: Brill, 1997.

BERTINETO, P. M. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspect domain: the 'perfective-telic confusion'. In: CECCHETTO, C; CHIERCHIA, G; GUASTI, M. T. **Semantic interfaces**: reference, anaphora and aspect. Stanford: CLSI, 2001.

BINNICK, R. L. **Time and verb**: a guide to tense and aspect. New York: Oxford University, 1991.

BITTENCOURT FILHO, H. **Anotações sobre o texto grego da epístola de Tiago com ênfase no aspecto e modo verbal, tema e argumentação**. 2002. 185f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BORBA, F. S. **Pequeno vocabulário de lingüística moderna**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Universidade de São Paulo, 1971.

BRUNEL, J. **L'aspect verbal et l'emploi des preverbes en Grec, particulièrement em attique**. Paris: Klincksieck, 1939.

BUIJS, M. **Clause combining in ancient greek narrtive discorse**: the distributional of subclauses and participial causes in Xenophon's Hellenica and Anabasis, Leiden: Brill, 2005.

BYBEE, J. **Morphology**: a study of the relation between meaning and form. Amisterdam / Philadelphia: John Benjamins, 1985

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Princípios de lingüística geral**. 5.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CASTILHO, A. T. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. 1966. 165f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Marília, 1966.

CHANTRAINE, P. **Morphologie hitorique du grecque**. Paris: Klincksieck, 1947.

_____. **Histoire du parfait grecque**. Paris: Klincksieck, 1927.

CHIERCHIA, G. **Semântica**. Tradução Luis Arthur Pagani, Ligia Negri, Rodolfo Ilari. Campinas: UNICAMP; Londrina: EDUEL, 2003.

CHOMSKY, N. **Knowledge of language**. New York: Praeger, 1986.

_____. **Derivation by phase**. Cambridge: MIT, 1999.

_____. **The minimalist program**. Cambridge, MIT, 1995.

_____. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (Org.) **Readings in English transformational grammar**. Waltham: Ginn, 1970.

COHEN, D. **L' aspect verbal**. Paris: Universitaires de France, 1989.

COMRIE, B. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. London: Cambridge University, 1978.

CONTI, S. **Breve introduzioni alla questione del sistema verbale greco antico**. Quaderni del Laboratorio di Linguistica, vol 5, anno 2004/2005.

CRESPO, E; CONTI, L; MAQUIEIRA, H. **Sintaxis del griego clásico**. Madrid: Gredos, 2003.

CURTIUS, J. **Gramática griega**. Tradução de Enrique Soms y Castellín. Buenos Aires: Ediciones Desclée, 1942.

DAVID, J.; MARTIN, R. **La notion d'aspect**. Paris: Klincksieck, 1980.

DOWTY, D. **Word meaning and Montague grammar**. Dordrecht: Kluwer, 1979.

_____. **Tenses, time adverbs and compositional Semantic theory**. *Linguistics and philosophy* 5, p. 23-55. 1982.

_____. **The effects of aspectual class on the temporal structure of discourse**: semantics or pragmatics? *Linguistics and philosophy* 9, p. 37-61. 1986.

DUHOUX, Y. **Le verbe grec ancien**: éléments de morphologie et de syntaxe historiques. Deuxième édition, revue et augmentée. [Bibliothèque des chiers de l' Institut de Linguistique de Louvain – 104]. Leuven: Peeters/Publications Linguistiques de Louvain, 2000.

FREIRE, S. J. A. **Gramática Grega**. 7.ed. Porto: Livraria, 1985.

GODOY, E. **Aspectos do aspecto**. 1992. 294f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

GOODWIN, W. **Greek grammar**. New York: Ginn and Company, 1930.

GUILLÉN, C. V. **El aspecto verbal griego**. Residencia: Universidad Nacional del Nordeste, 1971. (Cuadernos de Estudios Clásicos, 5).

- HOLT, J. **Études d'aspect**. Acta Jutlandica 15-2, 1943.
- HUMBERT, J. **Syntaxe grecque**. 2.ed. Paris: Klincksieck, 1954.
- ILARI, R.; GERALDI, J. W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios, 8).
- JACKENDOFF, R. S. **Semantics and cognition**. Cambridge: MIT Press, 1983.
- JACOBSON, R. Zur Structur des Russischen Verbums. In. **Charisteria Gvilelmo Mathesio qvinqvagenario a dicipulus et Circuli Lingvistici Praegensis sodalibus oblata**. Praga: 1932.
- _____. **Shifters, Verbal Categories, and the Russian Verb**. Cambridge: Harvard University, 1956.
- KLEIN, Ewan. **The present perfect puzzle**. Language, 68: 525-552.
- LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- LIDDELL, H.; SCOTT, R. **A Greek-English lexicon**. 8.ed. New York, Oxford, 1983.
- MACLENNAN, L. J. **El problema del aspecto**: estudio critico de sus presupuestos. Madrid: Gredos, 1962.
- MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C.; NEVES, M. H. de M. (Coord.). **Dicionário grego-português**. Cotia: Ateliê, 2006. v.1.
- _____. **Dicionário grego-português**. Cotia: Ateliê, 2007. v.2.
- _____. **Dicionário grego-português**. Cotia: Ateliê, 2007. v.3.
- MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948.
- MEILLET, A.; VENDRYES, J. **Traité de gramaire comparée des langues classiques**. 2.ed. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948.
- MEULEN, A. **Representing time in natural language**. Cambridge: MIT, 1995.
- MURACHCO, H. **Lingua grega**: visão semântica, lógica, orgânica e funcional. 2.ed. São Paulo: Discurso; Petrópolis: Vozes, 2003. 2.v.
- NEVES, M. H. de M.; MALHADAS, D. **Curso de Grego**: propedêutica. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.
- NEVES, M. H. de M. **A vertente grega da gramática tradicional**: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem. 2 ed revista. São Paulo: UNESP, 2005.
- _____. **A gramática**: história, teoria, análise e ensino. São Paulo: UNESP, 2002.
- PARSONS, T. **Events in the semantics of english**. Cambridge: MIT, 1990.

RAGON, E. **Gramaire grecque**. Paris: De Gigord, 1999.

REICHENBACH, H. **Elements of symbolic logic**. Berkley: University of California Press, 1947.

RIJKSBARON, A. **The syntax and semantics of the verb in classical greek**: an introduction. 3 ed. Chicago and London: University of Chicago, 2006.

RAGON, E. **Gramaire grecque**. Paris: De Gigord, 1999.

ROUSSELL, L. **L'aspect en grecque attique**. Paris: Universitaires, 1958.

ROTHSTEIN, S. **Structuring events**: a study in semantics of lexical aspect. Oxford: Blackwell, 2004.

RUIPÉREZ, M. S. **Estructura del sistema de tiempos y aspectos del verbo griego antiguo**. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1954.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1977.

SCHER, A. **As categorias aspectuais e a formação de construções com o verbo leve dar**. In: Revista do GEL vol 02. p. 09-37. Araraquara -SP.

SICKING, C.; STORK, P. **Two studies in the semantics of the verb in classical Greek**. Leiden: E.F.Brill, 1996.

SMITH, C. **The parameter of aspect**. 2 ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

VARRO, M. T. **La lengua latina**. Tradução de Luiz A. Miguel. Madrid: Gredos, 1998. (Biblioteca Clássica Gredos, 252).

VENDLER, Z. **Linguistics in phylosophy**. Ithaca, London: Cornell University Press, 1967.

WACHOWICZ, T. **Telicidade e classes aspectuais**. Revista do GEL, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 57-68, 2008.

ANEXO

VOZ ATIVA						
	Presente	Imperfeito	Futuro	Aoristo	Perfeito	Mqperfeito
Indicativo						
1ª Sing.	λύω	έλυον	λύσω	έλυσα	λέλυκα	έλελύκειν
2ª	λύεις	έλυες	λύσεις	έλυσας	λέλυκας	έλελύκεις
3ª	λύει	έλυε	λύσει	έλυσε(ν)	λέλυκε (ν)	έλελύκει(ν)
1ª Pl.	λύομεν	έλύομεν	λύσομεν	έλύσαμεν	λελύκαμεν	έλελύκειμεν
2ª	λύετε	έλύετε	λύσετε	έλύσατε	λελύκατε	έλελύκειτε
3ª	λύουσι(ν)	έλυον	λύσουσι(ν)	έλυσαν	λελύκασι(ν)	έλελύκεσαν
Infinitivo						
	λύειν		λύσειν	λῦσαι	λελυκέναι	
Imperativo						
2ª Sing.	λύε			λῦσον	λέλυσο	
3ª	λύέτω			λύσατο	λελύσθω	
2ª Pl.	λύετε			λύσατε	λέλυσθε	
3ª	λύόντων			λυσάντων	λελύσθων	
Subjuntivo						
1ª Sing.	λύω			λύσω	λελύκω	
2ª	λύῃς			λύσῃς	λελύσῃς	
3ª	λύῃ			λύσῃ	λελύκῃ	
1ª Pl.	λύωμεν			λύσωμεν	λελύκώμεν	
2ª	λύῃτε			λύσῃτε	λελύκῃτε	
3ª	λύωσι(ν)			λύσωσι(ν)	λελύκωσι(ν)	
Optativo						
1ª Sing.	λυοίμι		λυσοίμι	λύσαιμι	λελύκοιμι	
2ª	λύοις		λύσοις	λύσειας	λελύκοις	
3ª	λύοι		λύσοι	λύσειε	λελύκοι	
1ª Pl.	λύοιμεν		λύσοιμεν	λύσαιμεν	λελύκοιμεν	
2ª	λύοιτε		λύσοιτε	λύσαιτε	λελύκοιτε	
3ª	λύοιεν		λύσοιεν	λύσειαν	λελύκοιεν	
Particípio						
M.	λύων		λύσων	λύσας	λελυκώς	
F.	λύουσα		λύσουσα	λύσασα	λελυκυῖα	
N.	λῦον		λῦσον	λῦσαν	λελυκός	

VOZ MÉDIA						
	Presente	Imperfeito	Futuro	Aoristo	Perfeito	MqPerfeito
Indicativo						
1ª Sing.	λύομαι	ἐλύομην	λύσομαι	ἐλυσάμην	λέλυμαι	ἐλέλυμην
2ª	λύει	ἐλύου	λύσει	ἐλύσω	λέλυσαι	ἐλέλυσο
3ª	λύεται	ἐλύετο	λύσεται	ἐλύσατο	λέλυται	ἐλέλυτο
1ª Pl.	λύομετα	ἐλόμεθα	λυσόμετα	ἐλυσάμεθα	λελύμεθα	ἐλέλυμεθα
2ª	λύεσθε	ἐλύεσθε	λύσεσθε	ἐλύσασθε	λέλυσθε	ἐλέλυσθε
3ª	λύονται	ἐλύονθον	λύσονται	ἐλύσντο	λέλυνται	ἐλέλυντο
Infinitivo						
	λύεσθαι		λύσεσθαι	λύσασθαι	λέλυσθαι	
Imperativo						
2ª Sing.	λύου			λῦσαι	λέλυσο	
3ª	λῦέσθω			λυσάσθω	λελύσθω	
2ª Pl.	λῦέσθε			λύσασθε	λέλυσθε	
3ª	λῦέσθων			λυσάσθων	λελύσθων	
Subjuntivo						
1ª Sing.	λύωμαι			λύσωμαι		
2ª	λύῃ			λύσῃ		
3ª	λύῃται			λύσῃται		
1ª Pl.	λῶμεθα			λυσώμεθα		
2ª	λύῃσθε			λύσῃσθε		
3ª	λύωνται			λύσωνται		
Optativo						
1ª Sing.	λυοίμην		λυσοίμην	λυσαίμην		
2ª	λύοιο		λύσοιο	λύσαιο		
3ª	λύοιτο		λύσοιτο	λύσαιτο		
1ª Pl.	λυοίμεθα		λυσοίμεθα	λυσαίμεθα		
2ª	λῦοισθε		λῦσοισθε	λῦσαισθε		
3ª	λῦοιντο		λῦσοιντο	λῦσαιντο		
Particípio						
M.	λύνμενος		λυσόμενος	λυσάμενος	λελυμένος	
F.	λυνόμενη		λυσομένη	λυσαμένη	λελυμένη	
N.	λύνμενον		λυσόμενον	λυσάμενον	λελυμένον	

VOZ PASSIVA						
	Presente	Perfeito	Futuro	Aoristo	Futuro anterior	Mqperfeito
Indicativo						
1ª Sing.	= média	= média	λυθήσομαι	ἐλύθην	λελύσομαι	ἐλελύκειν
2ª	= média	= média	λυθήσει	ἐλύθης	λελύσει	ἐλελύκεις
3ª	= média	= média	λυθήσεται	ἐλύθη	λελύσεται	ἐλελύκει(ν)
1ª Pl.	= média	= média	λυθησόμεθα	ἐλύθημεν	λελυσόμεθα	ἐλελύκειμεν
2ª	= média	= média	λυθήσεσθε	ἐλύθητε	λελύσεσθε	ἐλελύκειτε
3ª	= média	= média	λυθήσονται	ἐλύθησαν	λελύσονται	ἐλελύκεσαν
Infinitivo						
	= média	= média	λυθήσεσθαι	λυθῆναι	λελύσεσθαι	
Imperativo						
2ª Sing.	= média	= média		λύθητι		
3ª	= média	= média		λυθήτω		
2ª Pl.	= média	= média		λύθητε		
3ª	= média	= média		λυθέντων		
Subjuntivo						
1ª Sing.	= média	= média		λυθῶ		
2ª	= média	= média		λυθῆς		
3ª	= média	= média		λυθῇ		
1ª Pl.	= média	= média		λυθῶμεν		
2ª	= média	= média		λυθῆτε		
3ª	= média	= média		λυθῶσι		
Optativo						
1ª Sing.	= média	= média	λυθησοίμην	λυθείην	λελυσοίμην	
2ª	= média	= média	λυθήσοιο	λυθείης	λελύσοιο	
3ª	= média	= média	λυθήσοιτο	λυθείη	λελύσοιτο	
1ª Pl.	= média	= média	λυθησοίμεθα	λυθείμεν	λελυσοίμεθα	
2ª	= média	= média	λυθήσοισθε	λυθείτε	λελύσοισθε	
3ª	= média	= média	λυθήσوينτο	λυθείεν	λελύσوينτο	
Particípio						
M.	= média	= média	λυθησόμενος	λυθείς		
F.	= média	= média	λυθησομένη	λυθείσα		
N.	= média	= média	λυθήσόμενον	λυθέν		

Verbo ἔρχομαι érkhomai “ir”

	Presente	Imperfeito	Futuro	Aoristo 2	Perfeito 2	MqPerfeito
Indicativo						
1ª Sing.	ἔρχομαι	ἦα	εἶμι	ἦλθον	ἐλήλυθα	ἐλελύθειν
2ª	ἔρχει	ἦισθα	εἶ	ἦλθες	ἐλήλυθας	ἐλελύθεις
3ª	ἔρχεται	ἦει(ν)	εἴσι (ν)	ἦλθε(ν)	ἐλήλυθε(ν)	ἐλελύθει(ν)
1ª Pl.	ἐρχόμεθα	ἦμεν	ἴμεν	ἦλθομεν	ἐληλύθαμεν	ἐλελύθειμεν
2ª	ἔρχεσθε	ἦτε	ἴτε	ἦλθετε	ἐληλύθατε	ἐλελύθειτε
3ª	ἔρχονται	ἦσαν	ἴασι (ν)	ἦλθον	ἐληλύθασι(ν)	ἐλελύθεσαν
Infinitivo						
	ιέναι		ιέναι	έλθεῖν	ἐληλυθέναι	
Imperativo						
2ª Sing.	ἴθι			έλθέ		
3ª	ἴτω			έλθέτω		
2ª Pl.	ἴτε			έλθέτε		
3ª	ιότων			έλθόντων		
Subjuntivo						
1ª Sing.	ἴω			ἔλθω	ἐλελύθω	
2ª	ἴης			ἔλθης	ἐλελύθης	
3ª	ἴη			ἔλθῃ	ἐλελύθῃ	
1ª Pl.	ἴωμεν			ἔλθωμεν	ἐλελύθωμεν	
2ª	ἴετε			ἔλθητε	ἐλελύθητε	
3ª	ἴωσι(ν)			ἔλθωσι(ν)	ἐλελύθωσι(ν)	
Optativo						
1ª Sing.	ἴοιμι		ἴοιμι	ἔλθοιμι	ἐλελυθοίην	
2ª	ἴοις		ἴοις	ἔλθοις	ἐλελυθοίης	
3ª	ἴοι		ἴοι	ἔλθοι	ἐλελυθοίῃ	
1ª Pl.	ἴοιμεν		ἴοιμεν	ἔλθοιμεν	ἐλελυθοῖμεν	
2ª	ἴοιτε		ἴοιτε	ἔλθοιτε	ἐλελυθοῖτε	
3ª	ἴοιεν		ἴοιεν	ἔλθοιεν	ἐλελυθοῖεν	
Particípio						
M.	ιών		ιών	έλθών	ἐλελυθώς	
F.	ιοῦσα		ιοῦσα	έλθοῦσα	ἐλελυθυῖα	
N.	ιόν		ιόν	έλθόν	ἐλελυθός	

Verbo εἰμί *eimí* “ser/estar”³⁸

	Presente	Imperfeito	Futuro	Aoristo	Perfeito
Indicativo					
1ª Sing.	εἰμί	ἦν	ἔσομαι		
2ª	εἶ	ἦσθα	ἔσει		
3ª	ἐστί(ν)	ἦν	ἔσται		
1ª Pl.	ἐσμέν	ἦμεν	ἐσόμεθα		
2ª	ἐστέ	ἦτε	ἔσεσθε		
3ª	εἰσι(ν)	ἦσαν	ἔσονται		
Infinitivo					
	εἶναι		ἔσεσθαι		
Imperativo					
2ª Sing.	ἴσθι				
3ª	ἔστω				
2ª Pl.	ἔστε				
3ª	ἔστων				
Subjuntivo					
1ª Sing.	ᾗ				
2ª	ᾗς				
3ª	ᾗ				
1ª Pl.	ᾧμεν				
2ª	ᾗτε				
3ª	ᾧσι(ν)				
Optativo					
1ª Sing.	εἴην		ἐσοίμην		
2ª	εἴης		ἔσοιο		
3ª	εἴη		ἔσοιτο		
1ª Pl.	εἶμεν		ἐσοίμεθα		
2ª	εἴτε		ἔσοισθε		
3ª	εἴην		ἔσoinτο		
Particípio					
M.	ὄν		ἐσόμενος		
F.	οὔσα		ἐσομένη		
N.	ὄν		ἐσόμενον		

³⁸ O verbo *eimí* não possui aoristo e perfeitos próprios. Essa ausência de formas é suprida pelas respectivas formas do verbo γίγνομαι *gígnomai* “tornar-se”.